1 2 9 0 FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Catarina Vitória Antunes Mateus

Castelos da Raia

Uma Rota pela Beira Baixa

Projeto do Mestrado em Arte e Património, orientado pela Professora Doutora Luísa Trindade, apresentado ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Outubro de 2021

FACULDADE DE LETRAS

Castelos da Raia

uma rota pela Beira Baixa

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Trabalho de Projeto/Projeto
Título	Castelos da Raia
Subtítulo	uma rota pela Beira Baixa
Autor/a	Catarina Vitória Antunes Mateus
Orientador/a(s)	Maria Luísa Pires do Rio Carmo Trindade
Júri	Presidente: Doutora Sandra Patrícia Antunes Ferreira da Costa Saldanha e Quadros Vogais: 1. Lic.ª Marta Sofia Amaro Simões (Arguente) 2. Doutora Maria Luísa Pires do Rio Carmo Trindade (Orientadora)
Identificação do Curso	2º Ciclo em Arte e Património
Área científica	História da Arte
Data da defesa	17-11-2021
Classificação	17 valores

1 2 9 0 FACULDADE DE LETRAS UNIVERSIDADE D COIMBRA

À minha mãe, e a todos os jovens do interior

ÍNDICE

Agradecimentos

Gostaria de deixar aqui o meu agradecimento a todos os que de uma maneira ou outra contribuíram para o presente projeto. Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha orientadora, a Professora Doutora Luísa Trindade, que esteve sempre disponível para responder às minhas questões e para me ajudar e orientar em todo o processo, foi um caminho longo e com alguns percalços mas conseguimos, e este projeto não teria sido possível sem a sua ajuda.

Lembro também os meus amigos, Maria Gabriela, Luís, Maria, Ana Margarida, Luísa e Daniela pelas palavras de apoio e motivação e pela ajuda.

Por fim, quero agradecer à minha família e em especial à minha mãe que sempre me motivou a continuar o meu percurso académico e a não desistir. Resiliência será sempre a nossa palavra de ordem.

Gostaria ainda de dedicar este projeto a todos os jovens, que como eu, gostariam de fazer vida no interior mas por vezes não lhes é permitido por não existirem condições para tal. Vamos continuar a lutar para tornar isso possível.

RESUMO

Castelos da Raia

A oferta turística no interior de Portugal é relativamente reduzida no que toca a turismo cultural na forma de monumentos arquitectónicos. Por esta razão apostou-se numa forte promoção do património natural que existe em abundância que se tornou num dos *ex libris* desta zona. Por ser uma região que recebe menos atenção do que outras no país também o desenvolvimento foi mais lento, o que levou a que alguns aspectos fossem descuidados como a protecção do património arquitectónico causando a sua degradação. O presente projeto surge da necessidade de promover e proteger o património militar existente na região e apostar no turismo cultural potenciando o tão necessário desenvolvimento da região.

A fronteira terrestre, vulgo Raia, constituiu uma importante linha de defesa do reino de Portugal funcionando como um primeiro obstáculo, primeiro contra os muçulmanos, depois contra as pretensões dos reinos vizinhos. Da sua existência e atualização dependia a defesa do reino e da sua integridade física.

A presente rota torna possível conhecer 7 castelos distribuídos pelo distrito de Castelo Branco. Recorrendo a fichas informativas, onde se explica o fundamental da história de cada castelo e o papel que cada um desempenhou na história de Portugal assim como as suas características arquitectónicas, é oferecida ao público uma abordagem dinâmica e esclarecedora da arquitectura militar presente neste território.

Uma proposta versátil e aberta a todo o tipo de público, com um design apelativo e informação que, no conteúdo como na forma, se pretende inclusiva.

Palavras-chave: Castelo, Rota, Portugal, Raia, Castelo Branco.

.

ABSTRACT

Frontier Castles

The touristic offer in the up-country of Portugal is relatively scarce in what concerns cultural tourism in the form of architectural monuments. For this reason the abundant natural heritage was promoted and is now considered an ex libris of this area. Since this region receives less attention than others in the country, development has also been slower, which has led to some aspects being neglected, such as the protection of architectural heritage causing its degradation. The present project arises from the need to promote and protect the existing military heritage in the region and to invest in cultural tourism, thus enhancing the much needed development of the region.

The land border, commonly known as Raia, was an important line of defense for the kingdom of Portugal, acting as a first obstacle, first against the Muslims, then against the pretensions of neighboring kingdoms. From its existence and updating depended the defense of the kingdom and its physical integrity.

This route makes it possible to know 7 castles distributed throughout the Castelo Branco district. Using information sheets, where the fundamental history of each castle and the role each one played in the history of Portugal is explained, as well as its architectural characteristics, a dynamic and enlightening approach to the military architecture present in this territory is offered to the public.

A versatile proposal open to all types of public, with an appealing design and information that, in content as in form, is intended to be inclusive.

Translated with www.DeepL.com/Translator (free version)

Keywords: Castle, Route, Portugal, Raia, Castelo Branco.

Introdução

A zona de fronteira da Beira Baixa constituiu uma importante linha de defesa e proteção do reino de Portugal desde a sua reconquista em 1147 por D. Afonso Henriques. Por esta razão é possível encontrar fortalezas ao longo de todo o distrito de Castelo Branco. A presença da Ordem do Templo nesta zona contribuiu para que os castelos que aqui se encontravam se desenvolvessem consoante o progresso das estratégias militares, visto que os freires-cavaleiros estavam na vanguarda das construções militares. Apesar destes castelos terem desempenhado um papel importante na defesa do reino, foram sendo esquecidos ao longo do tempo, encontrando-se alguns em avançado estado de degradação e ruína.

Assim, este projecto tem como principal objetivo evidenciar a importância dos castelos, analisando simultaneamente as suas características construtivas e o seu papel na história de Portugal. Sob o formato de rota, no âmbito do turismo cultural, reuniram-se os castelos de Belmonte, Castelo Novo, Penamacor, Penha Garcia, Monsanto, Castelo Branco e Vila Velha de Ródão. Sem necessidade de marcação, esta rota visa proporcionar uma visita informada e dinâmica a quem a percorrer, apoiada em materiais informativos e gráficos. Serão disponibilizadas fichas informativas, com fotografias e mapas, destacando os elementos mais relevantes. Estes encontrar-se-ão disponíveis nos postos de turismo, em linha e eventualmente em aplicação para telemóveis.

Este projecto surge como uma resposta à necessidade de valorização e protecção do património edificado que existe no distrito, mas também do interesse em aumentar a oferta turística com um percurso novo, coerente e cientificamente rigoroso. Em Portugal, grande parte da oferta turística e cultural concentra-se nos grandes centros como Lisboa e Porto. Apesar dos esforços de desenvolvimento do interior verificados nas últimas duas décadas, pode dizer-se que o impulso mais forte resultou dos constrangimentos do recente panorama pandémico no que toca a deslocações para o exterior, chamando a atenção de muitos portugueses e conferindo ao interior de Portugal o estatuto de destino preferencial. Ainda assim, grande parte da oferta turística da Beira Baixa é composta por património natural, com destaque para o Parque Natural do Tejo Internacional, a Reserva Natural da Serra da Malcata, o Geopark Naturtejo da Meseta Meridional e o Parque Icnológico de Penha Garcia. No verão,

a atração pelas praias fluviais e piscinas naturais que existem no distrito, aumenta a afluência de turistas. Mas subsiste a necessidade de criar uma alternativa para os turistas que procuram uma oferta mais direcionada para a cultura e a história.

Embora o volume de património de interesse histórico e cultural no distrito de Castelo Branco seja relevante, a realidade é que este continua subvalorizado. À excepção de localidades como Belmonte e Monsanto, conhecidas por outras especificidades para além do seu castelo, as restantes encontram-se fora dos principais circuitos. Apesar do potencial turístico que estes marcos representam, não estão a ser dinamizados e aproveitados de forma a atrair visitantes, que por sua vez têm o potencial de impulsionar a economia local através do comércio local, da restauração e da hotelaria. Subjacente a tudo isso e ao evidente interesse de divulgação cultural, sublinha-se o incentivar de laços da comunidade ao seu património, o potenciar do reforço de identidades, por regra frágeis e em défice populacional.

Os castelos selecionados são os que apresentam maior potencial de investigação e dinamização. Os critérios para a sua escolha assentaram não só nas características arquitectónicas que apresentam como nas fontes e bibliografia que existe sobre os mesmos e que permitem trabalhá-los com segurança. Uma das fontes documentais mais importante para este projecto e que será utilizada recorrentemente é o *Livro das Fortalezas*. Os desenhos das fortalezas da fronteira terrestre do reino de Portugal que Duarte de Armas debuxou a mando do rei D. Manuel I, em 1509, e onde estão representados alguns dos castelos que integram o presente projecto são uma evidente mais valia quer pelo conhecimento que potenciam, quer na relação que permitem estabelecer com o público. Simultaneamente, dá-se a conhecer um documento fundamental do património português, também ele ainda tão mal conhecido pelo grande público.

Em síntese, rematando o curso de mestrado em Arte e Património, o presente projeto pretende ser um ensaio de transferência de conteúdos histórico-artísticos atualizados e cientificamente rigorosos à sociedade em geral, respondendo à crescente procura da sociedade atual.

Castelos Medievais

Não sendo possível definir o momento exato em que os castelos são introduzidos na prática defensiva em Portugal, sabe-se que na Alta Idade Média, os povos suevo-visigóticos desconheceram a estrutura do castelo e recorreram às povoações fortificadas.[1]

Com a Reconquista surge esta nova estrutura arquitectónica, de uso exclusivo militar, o castelo. A partir de meados do séc. IX estruturas semelhantes ao castelo começam a surgir no Entre-Douro-e-Minho, enquadradas no modelo das *civitates,* territórios amplos, instituído por D. Afonso III das Astúrias.[2] Não sendo já suficiente erguer muralhas, foi criado um novo sistema defensivo do território através de uma rede de castelos.[3] A dimensão territorial das *civitates* tornou impossível a sua defesa por uma única estrutura defensiva, razão por que começam a surgir os castelos de iniciativa popular ou local, também conhecidos como castelos roqueiros em virtude da sua implantação no topo de montes e entre rochas. Existiam, desta forma, dois grupos de estruturas castelares, os castelos roqueiros e os castelos de iniciativa condal. Os castelos roqueiros apresentavam uma estrutura simples, normalmente em locais elevados e formados por pequenas cercas muralhadas assentes sobre afloramentos rochosos.[4] Por seu lado, os castelos de iniciativa condal eram mais elaborados, possuindo uma planta quadrangular ou rectangular e torres. Situavam-se frequentemente num lugar central da *civitates* onde se governava segundo o modelo de administração condal.

Afloramento rochoso do castelo de Penha Garcia

Após a Campanha das Beiras, liderada por Fernando o Magno, que durou oito anos e levou à conquista de centros como Coimbra e Viseu, ficou evidente que o modelo das *civitates* já não funcionava

[1] BARROCA, Mário Jorge - *Castelos Medievais Portugueses. Origens e evolução (séc. IX-XIV)* in La Fortaleza Medieval: Realidad y Símbolo, 1998, p. 14.

[2] BARROCA, Mário Jorge - *Castelos Medievais Portugueses. Origens e evolução…,* p. 14.

[3] BARROCA, Mário Jorge - *Do Castelo da Reconquista ao Castelo Românico (séc. IX a XII)* in *Portvgalia* Nova Série, Vol. XI-XII, 1990/91, p. 89.

[4] CORREIA, Luís Miguel - *Castelos em Portugal: Retrato do seu perfil arquitectónico [1509-1949],* Coimbra, 2009 (tese de mestrado), p. 21.

devido ao crescimento do território. A organização militar e administrativa sofreu uma reforma e as *civitates* deram lugar às *terras*. Estas tinham áreas menores e cada uma possuía um castelo *cabeça-de-terra* entregue à responsabilidade de um tenente, auxiliados por várias atalaias. Surge também nesta época uma nova nobreza de armas, os Infanções, que rapidamente ganham importância.[5] por esta altura, a arquitectura militar portuguesa recebe influências de reinos como França e Inglaterra. Com as *terras* e com a reforma militar registada, também os castelo roqueiros e condais se desatualizam, sendo progressivamente substituídos pelo chamado castelo românico. Este apresenta novidades como os torreões adossados ao pano de muralha, o adarve protegido por ameias ou merlões, muralhas dotadas de seteiras, introduzindo igualmente a torre de menagem.[6]

Ameias e adarve do castelo de Penha Garcia

O castelo românico localizava-se quase invariavelmente em posição altaneira, de difícil acesso e representava essencialmente uma defesa passiva, ou seja, preparado para longos cercos mas incapaz de contra-atacar.

Com D. Dinis a forma de organização do reino em *terras* foi abandonada.[7] Aliás, o alargamento do território obrigou a desenvolver novas estratégias de defesa sendo neste momento que surgem os freires-cavaleiros. Devido à sua experiência nas Cruzadas as ordens monástico-militares tiveram acesso a avançados conhecimentos militares, ainda desconhecidos em Portugal. Serão elas as responsáveis pela introdução de muitas estruturas e inovações, nomeadamente a Ordem do Templo, como é o caso do hurdício e do alambor.

A Ordem do Templo foi fundada em 1118 ou 1119, em Jerusalém, por Hugues de Payens, Godefroy de Saint-Omer e outros cavaleiros.[8] Porém só existe evidência da sua presença em Portugal dez anos mais tarde, em 1128, quando D. Teresa doa o castelo de Soure

---

[5] BARROCA, Mário Jorge - *Castelos Medievais Portugueses. Origens e evolução…*, p. 21.

[6] BARROCA, Mário Jorge - *Castelos Medievais Portugueses. Origens e evolução…*, p. 23.

[7] BARROCA, Mário Jorge - *Do Castelo da Reconquista ao Castelo Românico (séc. IX a XII)…*, p. 118.

[8] BARROCA, Mário Jorge - *A Ordem do Templo e a arquitectura militar portuguesa do séc. XII.* in *Portvgalia* Nova Série, Vols. XVII-XVIII, 1996/1997, p. 172.

à Ordem do Templo. A proximidade deste território a Coimbra concedia-lhe valor estratégico sendo por isso aqui a primeira sede da Ordem em Portugal.[9]

Dois motivos explicam a entrega de muitos territórios aos Templários: o auxílio militar prestado em momentos chave da Reconquista, e a confiança depositada nas Ordens para solucionar os problemas de colonização e defesa do reino.[10] As primeiras ações militares em que os Templários integraram o exército régio português foi na conquista de Santarém e no cerco de Lisboa e respectiva conquista.[11] O governo de D. Gualdim Pais à frente dos Templários portugueses, no decorrer de 40 anos, terá sido o período mais próspero da ordem.

Nos territórios da Beira-Baixa que foram doados aos Templários e que são importantes para o presente projecto estão compreendidos Idanha-a-Velha e Monsanto que foram entregues por D. Afonso Henriques em 1165, metade da Vila da Cardosa (atual Castelo Branco), em 1189, e a herdade da Açafa (atual Vila Velha de Ródão) doada por D. Sancho I em 1199. Até 1172 os Templários não possuíam "concorrência" pois eram a única Ordem Militar presente no reino, mas a partir daí as restantes ordens foram ganhando protagonismo. A Ordem do Templo esteve presente em Portugal durante quase duzentos anos, desde 1128 até 1312, momento em que foi extinta pelo Papa: No decorrer desse período detiveram 20 castelos no território português controlando assim quase 10% dos castelos cristãos.[12]

A série de maus anos agrícolas, a constante pressão *Almohada* e os problemas internos do reino, com a decorrente instabilidade social, foram condições desfavoráveis a inovações militares.[13] D. Afonso III, graças a 20 anos de conhecimento do panorama francês, foi o primeiro a promover mudanças na arquitectura militar portuguesa começando por reformar alguns castelos raianos.[14] Com a imposição do *Ius Crenelandi,* D. Afonso III e o seu filho D. Dinis instituem o monopólio régio de edificar fortificações ou obras militares.[15] É justamente no decorrer do reinado de D. Dinis. que se verifica a grande reforma da arquitectura militar. O

---

[9] BARROCA, Mário Jorge - *Os Castelos do Templários em Portugal e a organização da defesa do reino no séc. XII.* s.d., p. 216.

[10] BARROCA, Mário Jorge - *A Ordem do Templo e a arquitectura militar portuguesa …*, p. 171.

[11] BARROCA, Mário Jorge - *Os Castelos do Templários em Portugal …*, p. 219.

[12] BARROCA, Mário Jorge - *Os Castelos do Templários em Portugal…*, p. 214.

[13] BARROCA, Mário Jorge - *D. Dinis e a arquitectura militar portuguesa.* in Revista da Faculdade de Letras : História, 15, 1998, p. 803-804

[14] BARROCA, Mário Jorge - *Castelos Medievais Portugueses. Origens e evolução…*,p. 26.

[15] BARROCA, Mário Jorge - *Castelos Medievais Portugueses. Origens e evolução…*, p. 27.

Pormenor da entrada do Castelo de Belmonte

monarca retira os poderes aos tenentes e acaba por abolir os cargos, as *terras* são substituídas por *julgados* governados por alcaides, que são funcionários régios.[16] Durante o reinado de D. Dinis foram intervencionadas 57 fortificações, em que a maioria (80%) eram castelos raianos.[17]

Em 1297, o Tratado de Alcanices, que estabelecia a fronteira terrestre entre Portugal e o reino de Leão e Castela, levou a que se valorizassem as fortificações na raia. Por serem a primeira linha de defesa, os castelos que se encontravam próximos da fronteira terrestre foram os primeiros a receber reformas. É neste período e fruto de um conjunto de inovações que se verifica a passagem do castelo românico, com uma defesa passiva, para o castelo gótico que apresenta uma defesa mais ativa. No castelo gótico as torres de menagem abandonam o centro do pátio e adossam-se a um dos panos de muralha aumentando significativamente o seu raio de ação, ao possibilitar a defesa e o ataque sobre o interior e o exterior do castelo. Procede-se a uma multiplicação dos torreões ao longo da muralha e são introduzidos os balcões com matacães e *machicoulis.* A barbacã extensa cria um primeiro obstáculo aos inimigos, as portas dos castelos passam a ser protegidas por um ou dois torreões e os adarves tornam-se mais largos e protegidos possibilitando uma melhor circulação.[18] O castelo gótico pode ser construído em terrenos de cota mais baixa, deixando de estar dependente das condições topográficas.[19] Estas reformas foram consolidadas e reforçadas nas décadas seguintes por monarcas como D. Afonso IV e D. Pedro I.

Depois de todo o investimento feito na reforma da arquitectura militar tomaram-se medidas para garantir o povoamento dos territórios fortificados, entre elas a fundação de coutos de homiziados que eram terras que acolhiam condenados. Ao aceitarem residir nesses

---

[16] BARROCA, Mário Jorge - *Castelos Medievais Portugueses. Origens e evolução…*, p. 26.

[17] BARROCA, Mário Jorge - *D. Dinis e a arquitectura militar portuguesa…*, p. 809-810.

[18] CORREIA, Luís Miguel - *Castelos em Portugal: Retrato do seu perfil arquitectónico…*, p. 42.

[19] BARROCA, Mário Jorge - *Castelos Medievais Portugueses. Origens e evolução…*, p. 30.

locais, por um determinado número de anos (cinco, por exemplo) conseguiam o perdão das penas e a liberdade. Isto aconteceu em especial na zona do interior.

Troneira cruzetada no castelo de Belmonte

No final da Idade Média, o castelo volta a sofrer alterações, deixando de ser uma estrutura de carácter estritamente militar e passando a desempenhar também funções residenciais. A torre de menagem converte-se no posto de comando do alcaide, e por isso são alargadas as superfícies e abertas janelas nos pisos superiores.[20] Começam a surgir lareiras, chaminés e cozinhas de forma a tornar os espaços mais acolhedores e confortáveis. Muitos castelos não possuíam dimensão suficiente para albergar todos estes espaços sendo por isso frequentemente construídos fora do recinto. Por esta altura alguns castelos foram também transformados em paços régios, como é o caso do castelo de Leiria. Uma parte do castelo de Castelo Branco foi convertida em Paço dos Comendadores.

A partir dos sécs. XV e XVI muitos castelos passaram para a posse de famílias da nobreza, sendo um dos exemplos Belmonte, entregue à família Cabral ainda hoje com vestígios importantes.

A progressiva adoção das armas de fogo na estratégia de combate, no decorrer de todo o século XV, levou a Coroa a realizar intervenções nos castelos e cercas dotando-os de mecanismos como as troneiras cruzetadas por onde se disparava o *tron*.[21] A Batalha de Crécy, em 1346, foi o primeiro momento em que foram utilizadas as armas de fogo. Em Portugal regista-se o seu uso nos cercos de Lisboa, no último quartel do século XIV.

Uma segunda fase, muito experimental ao nível de novas construções, corresponde às iniciativas manuelinas que se estenderam ao Norte de África.[22] No continente, um dos grandes exemplos de iniciativa manuelina é a Torre de Belém. Depois de uma especial atenção aos centros urbanos volta a apostar-se na defesa da raia e o reflexo disso mesmo é a encomenda do monarca a Duarte de Armas, seu escudeiro que, em 1509, é incumbido de desenhar os principais castelos da fronteira seca, por forma a que o rei pudesse conhecer o seu

---

[20] CORREIA, Luís Miguel - *Castelos em Portugal: Retrato do seu perfil arquitectónico,* p. 54.

[21] CORREIA, Luís Miguel - *Castelos em Portugal: Retrato do seu perfil arquitectónico*…, p. 75.

[22] BARROCA, Mário Jorge - *Tempos de resistência e de inovação: a arquitectura militar portuguesa no reinado de D. Manuel I (1495-1521).* in *Portvgalia* Nova Série, Vol. XXIV, 2003, p. 98.

estado de conservação e, assim, a sua valia militar. Do seu trabalho resultou um Álbum com duas vistas ou *bandas* e uma planta de 55 castelos portugueses, situados entre Castro Marim e Caminha.[23] O autor já tinha utilizado o mesmo método no Norte de África quando o monarca o encarregou de fazer o levantamento de fortalezas como Azamor, Mamora, Sale e Larache.[24] Na altura em que Duarte de Armas realizou o *Livro das Fortalezas* mais de metade dos castelos na raia portuguesa apresentavam adaptações à pirobalística. Para além de representar as fortalezas, Duarte de Armas representa também edifícios que considera importantes para o entendimento dos povoamentos como é o caso da relação entre os castelos e as igrejas, algo que é possível observar no desenho da fortaleza de Penha Garcia.[25]

Existem dois manuscritos do *Livro das Fortalezas*, conhecidos como o Manuscrito de Madrid e o Manuscrito de Lisboa. É muito provável que o Manuscrito de Madrid seja mais antigo devido às referências dos alcaides, colocando-se a hipótese de ser o caderno de rascunho de Duarte de Armas enquanto percorreu a fronteira terrestre, ao passo que o manuscrito de Lisboa, posterior, corresponderia à versão final da encomenda.[26] O *Livro das Fortalezas* conta já com 3 edições, sendo as mais recentes a de Manuel Silva Castelo Branco[27] de 1990 e a de João José Alves Dias[28] de 2016 que possui a transcrição integral das legendas.

Uma evidência de que o rei D. Manuel realizou obras nos castelos ao longo da raia é a presença de símbolos do rei, tais como a esfera armilar, em estruturas de castelos como Monsanto que possui escudos reais ladeados pela Esfera Armilar e Penamacor que possui os mesmos símbolos na fachada norte da torre de menagem.[29]

---

[23] TRINDADE, Luísa - *Desenho: discurso e instrumento.* in ROSSA, Walter; RIBEIRO, Margarida Calafate (coord.) - *Patrimónios de Influência Portuguesa: modos de olhar*. Coimbra, Lisboa, Niterói: Imprensa da Universidade de Coimbra, Fundação Calouste Gulbenkian e Editora da Universidade Federal Fluminense, 2015, p. 412.

[24] BARROCA, Mário Jorge - *Tempos de resistência e de inovação*…, p. 99.

[25] TRINDADE, Luísa - *Urbanismo na composição de Portugal.* Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. 2013, p. 108-109.

[26] BARROCA, Mário Jorge - *O livro das fortalezas de Duarte de Armas - Contributo para uma análise comparativa dos Manuscritos de Lisboa e Madrid.* in Genius Loci: lugares e significados | places and meanings – volume 2, 2017. p. 194-195.

[27] CASTELO BRANCO, Manuel da Silva - Duarte de Armas, *Livro das Fortalezas. Fac-simile do Ms. 159 da Casa Forte do Arquivo Nacional da Torre do Tombo*, com Introdução e Notas de Manuel da Silva Castelo Branco. 1990 Lisboa: INAPA/ANTT (2a ed., 1997; 3a ed., 2006).

[28] DIAS, João José Alves - *Duarte de Armas, Livro das Fortalezas*, Ed. de João José Alves Dias. Lisboa: Caleidoscópio/Academia Internacional de Cenografia. 2016.

[29] BARROCA, Mário Jorge - *Tempos de resistência e de inovação*…, p. 99-100.

Pormenor da Torre de Menagem de Penamacor

Em síntese, o castelo enquanto estrutura militar passou por diversas fases ao longo do tempo. A passagem do castelo roqueiro ao castelo românico e, posteriormente, ao chamado castelo gótico traduz-se na introdução de elementos vários que, em conjunto, vão dotando a estrutura de maior eficácia. Adaptando-se às formas de guerra, da neurobalísitica à pirobalísitica, o percurso aqui brevemente efetuado, é essencial para a compreensão do que hoje pode ver-se nos castelos que integram a rota aqui estudada.

Rotas de turismo militar

Em Portugal, o turismo representa um sector em franca expansão[30], sendo considerado fundamental para a economia do país. Muitos turistas procuram Portugal para o chamado turismo de sol e mar, colocando o Algarve no topo de destinos europeus escolhidos por turistas estrangeiros. Ainda assim, nos últimos anos, o turismo cultural português começou a ganhar destaque devido a cidades como Lisboa que conjugam monumentos históricos e modernidade. O turismo cultural representa, segundo a Organização Mundial do Turismo, 37% do turismo total mundial. A UNESCO é uma das organizações que zela pela protecção do património e valorização da diversidade cultural.[31] O turismo cultural interliga-se indiscutivelmente com o património cultural visto que um não sobrevive sem o outro. Apesar da pequena dimensão territorial de Portugal, o país possui 17 locais inscritos na lista do Património Mundial da UNESCO e oito inscrições como Património Cultural Imaterial pela mesma organização. Contudo, apenas três destes locais estão situados no interior de Portugal.

Como já vimos anteriormente, o interior de Portugal desempenhou um papel de extrema importância durante grande parte da história, representando a primeira linha de defesa e protecção do reino. No entanto, esta região foi descurada durante muito tempo por se localizar longe dos grandes centros, registando invariavelmente um desenvolvimento menor.

A longa existência de Portugal reflete-se em variados aspectos e um deles é a arquitectura militar que existe por todo o país. Com maior concentração no norte e centro de Portugal, devido às sucessivas investidas e necessidade de proteger esta área, mas também presentes no sul, as estruturas militares suscitam curiosidade a quem as visita pois representam um passado que não sendo desconhecido (até pela divulgação que períodos históricos como a Idade Média têm ao nível dos media, do cinema ou dos jogos) é suficientemente distante da realidade dos dias de hoje. A arquitectura militar representa

[30] Excluindo-se aqui a paragem provocada pela COVID 19 cujos efeitos parecem estar já a ser ultrapassados neste final de ano de 2021, sendo evidente a reanimação do turismo em Portugal.

[31] UNESCO em Portugal [consultado a 18 de setembro de 2021] Disponível em https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/a-unesco/sobre-a-unesco

apenas 6,4% dos bens imóveis classificados em Portugal, sendo uma das que possui menor representatividade em Portugal.[32]

Entre as muitas formas de turismo, uma delas centra-se nos locais onde se travaram importantes batalhas ou simplesmente onde existem estruturas defensivas. O turismo de guerra chama a atenção a curiosos ou entendidos em história militar e a quem se interesse por estas matérias. Recentemente, começou a surgir também outro tipo de turismo para fãs de sagas como *O Senhor dos Anéis* e séries do género de *Game of Thrones,* que apresentam uma perspectiva medieval através da arquitectura representada e até das batalhas. Por esta razão, é natural que as pessoas tenham curiosidade em conhecer locais como os que são retratados.

A criação de rotas e roteiros integrando locais de interesse cultural foi uma forma de, através de poucos recursos, promover o património existente por todo o país. Muitas destas podem ser encontradas facilmente *online* e são relativamente simples de seguir e compreender, estando disponíveis para todo o tipo de público. Pareceu fundamental, no arranque deste projeto, conhecer o que tem sido feito bem como o seu funcionamento,

[32] Publicação Estatísticas da Cultura de 2019, p. 100

eficácia e limitações. As rotas e roteiros aqui mencionadas são todas sobre a temática militar e incluem castelos de várias zonas de Portugal.

A *Rota dos Castelos e Aldeias Históricas da Serra da Estrela*[33] é uma iniciativa do Turismo do Centro que promove a visita às aldeias históricas situadas na Serra da Estrela e aos respetivos castelos. Enquanto roteiro integra localidades como Alfaiates, Sortelha, Belmonte, Castelo Bom, Castelo Mendo, Castelo Novo, Castelo Rodrigo, Casteição, Longroiva, Marialva, Ranhados, Almeida, Linhares da Beira, Pinhel e Trancoso. Todavia, embora o roteiro integre um número elevado de castelos não oferece qualquer informação sobre os mesmos. No website do Turismo do Centro é possível encontrar sugestões de onde passar a noite

Outro projeto do Turismo do Centro é a *Rota dos Castelos e Fortalezas do Oeste*[34] que contempla alguns castelos e fortalezas da costa oeste, nomeadamente o Forte de S. Miguel na Nazaré, o castelo de Alcobaça, parte da muralha do antigo castelo de Alfeizerão, a vila e o castelo de Óbidos, o castelo de Atouguia da Baleia, a Fortaleza de Peniche, o Forte da Praia da Consolação, a Fortaleza de S. João Baptista, o Forte de Paimogo, o castelo de Torres Vedras e o Forte de São Vicente, o Forte do Alqueidão, o castelo de Alenquer e o castelo de Vila Verde dos Francos. As informações fornecidas no website sobre os castelos e fortalezas são reduzidas no que diz respeito à história e arquitectura dos mesmos. Como o anterior oferece também sugestões de onde ficar.

Visite Serra da Estrela é o Centro de Informação Turística que criou o projecto *Rota dos Castelos das Beiras e Serra da Estrela*[35]. Aqui estão incluídos os castelos e fortalezas de Almeida, Castelo Bom, Castelo Mendo, Belmonte, Celorico da Beira, Linhares, Castelo Rodrigo, Castelo Novo, Gouveia, Guarda, Longroiva, Marialva, Ranhados, Pinhel, Sabugal, Alfaiates, Vilar Maior, Trancoso e Moreira de Rei. No website, que por sinal é bastante intuitivo e fácil de explorar, são fornecidas as localizações através de coordenadas dos locais assim como fotografias e informações muito reduzidas que não abordam a história nem a

---

[33] [consultado a 20 de setembro de 2021] Disponível em https://turismodocentro.pt/roteiro/rota-dos-castelos-e-aldeias-historicas-na-serra-da-estrela/

[34] [consultado a 20 de setembro de 2021] Disponível em https://turismodocentro.pt/roteiro/rota-dos-castelos-e-fortalezas-do-oeste/

[35] [consultado a 20 de setembro de 2021] Disponível em https://www.visiteserradaestrela.pt/pt/itineraries/culture-history/rota-dos-castelos

arquitectura de cada castelo. A duração prevista deste roteiro são 3 dias. Em cada localidade são sugeridos locais onde comer e dormir.

O *Roteiro dos Castelos do Alentejo*[36] é um *tour* acompanhado por guia turístico criado pelo *VisitÉvora*. Este roteiro passa por locais como o castelo de Évora, o castelo de Arraiolos, o castelo de Évoramonte, o castelo de Estremoz, o castelo de Vila Viçosa, o castelo de Alandroal, o castelo de Redondo e o castelo de Valongo. No website encontram-se breves explicações sobre a história de cada um dos castelos mas, sendo um tour acompanhado por guia, é muito provável que depois ofereça uma explicação mais aprofundada nos locais. É fornecido também um mapa do percurso e a distância do mesmo, bem como imagens e os preços e condições do roteiro.

No Alto Minho surge a *Rota dos Castelos e Fortalezas do Alto Minho*[37]. Esta rota é constituída por 19 locais de interesse cultural na região compreendidos nos municípios de Arcos de Valdevez, Caminha, Melgaço, Monção, Paredes de Coura, Ponte da Barca, Ponte de

---

[36] [consultado a 20 de setembro de 2021] Disponível em https://www.visitevora.net/roteiro-castelos-alentejo-tour/

[37] [consultado a 20 de setembro de 2021] Disponível em https://www.altominho.pt/pt/visitar/experi%C3%AAncias/rotas-culturais/rota-dos-castelos-e-fortalezas/

Lima, Valença, Viana do Castelo e Vila Nova de Cerveira. Para além de possuir um trajecto bem definido através de um mapa de simples compreensão, oferece também um cartaz apelativo com imagens dos variados locais e coordenadas geográficas, e em alguns é apresentada uma síntese histórica. No website é possível encontrar um video introdutório dos locais que são apresentados e uma nota bibliográfica de António Matos Reis sobre os castelos do Alto Minho (esta é a única referência bibliográfica da rota).

O *Castelos e Muralhas do Mondego*[38] é um projecto que envolve 14 parceiros, entre eles a Universidade de Coimbra e a Direção Regional de Cultura do Centro. No *website* é possível encontrar informações muito completas sobre a Linha Defensiva do Mondego e a importância dos castelos que a compõem. Aqui estão apresentadas estruturas como o Complexo Monumental de Santiago da Guarda, a Torre de Almedina, o Paço da Ega, a Torre e Fortaleza de Buarcos, o castelo da Lousã, o castelo de Miranda do Corvo, o castelo de Montemor-o-Velho, o castelo de Penela, o castelo do Germanelo, o castelo de Pombal e o castelo de Soure. Apesar de não ser definida uma rota propriamente dita, os castelos possuem uma explicação da sua história, um conjunto de fotografias e informações úteis sobre cada um como a sua classificação, acessos e horários. Apresenta ainda uma página dedicada ao intangível relacionado com os diversos locais onde é possível encontrar lendas, histórias populares, gravuras, entre outros. Integra igualmente um glossário que permite explicar o significado e função de cada elemento ou termo militar bem como materiais de divulgação para um público infantil.

Depois de analisar as rotas anteriores é possível concluir que os castelos e localidades que compõem o presente projecto não estão incluídos, à excepção de Belmonte e Castelo Novo. É possível também afirmar que as rotas localizadas na zona do interior, mais concretamente na Beira Baixa, são baseadas nas aldeias históricas e na Serra da Estrela e não chegam verdadeiramente a abranger os concelhos de Penamacor, Idanha-a-Nova, Castelo Branco e Vila Velha de Ródão. Ao contrário das rotas anteriores, a rota dos Castelos da Raia fornece informações detalhadas sobre os castelos e as localidades tal como referências bibliográficas para quem quiser conhecer um pouco mais. Do mesmo modo que na maioria das rotas mencionadas não são utilizadas outras imagens à excepção de fotografias actuais, a

---

[38] [consultado a 20 de setembro de 2021] Disponível em https://www.castelosemuralhasdomondego.pt/website/index.php

rota proposta utiliza frequentemente os desenhos de Duarte de Armas e gravuras para evidenciar as alterações de cada castelo.

Assim, o presente projecto apresenta-se como uma novidade não só pelo conjunto de castelos que inclui como pelos dados que fornece, permitindo uma visita autónoma mas informada. Apresenta-se, pois, como uma vantagem para este território.

A rota: castelos da Raia

Origem

Esta rota surge da vontade de conciliar os conhecimentos apreendidos ao longo de dois anos de frequência do mestrado em Arte e Património com uma aplicação prática, capaz de os dirigir ao público em geral. Por ser natural de Castelo Branco e ter tido a felicidade de crescer entre as localidades de Penha Garcia e Monsanto, esta região foi sempre parte da minha identidade pessoal. Assim, a escolha não podia ser mais natural. Agora, enquanto estudante de Mestrado e habitante do interior do país, as preocupações com o património aumentaram e a falta de investimento e interesse nesta região revelaram-se um verdadeiro problema. Assim, a escolha não podia ser mais oportuna.

Qualquer iniciativa neste campo tem de contar com um panorama nacional em que a cultura é sistematicamente das últimas prioridades: aspeto amplamente refletido na proposta do Orçamento de Estado para 2022 em que o orçamento para a cultura é de 0,4% do total[39] , ou mais recentemente na forma como perante a evolução da pandemia da COVID19, as atividades culturais foram das primeiras a ser canceladas e das últimas a abrir. São, por isso, precisas iniciativas realista, capazes de ser implementadas sem custos exagerados ou estritamente dependentes de subsídios estatais. Tal levará inevitavelmente à paralisia. A proposta que aqui deixamos pretende ser adequada e passível de ser aplicada no terreno de forma rápida e simples.

O património só pode ser reconhecido e valorizado se fizer parte da identidade das comunidades onde se localiza. Por muito que se queira desenvolver um local em termos culturais isso só é possível se comunidade estiver empenhada. Existe por esse motivo a necessidade de instruir as comunidades do valor patrimonial que se encontra na sua posse e das vantagens que este pode trazer. Mas é preciso todo um trabalho prévio de reconhecimento do potencial. É urgente trabalhar em rede e permitir que os fluxos turísticos possam ser disseminados, revertendo a favor de localidades interiores e até hoje menosprezadas. Repare-

[39] Jornal Público. *Cultura dá um salto de 80,1 milhões mas mantém-se residual no orçamento* (2021) [consultado a 24 de setembro de 2021] Disponível em publico.pt/2021/10/12/culturaipsilon/noticia/cultura-salto-801-milhoes-mantemse-residual-orcamento-1980715

se a título de exemplo como o turismo que é captado pelo Convento de Cristo em Tomar, construído pelos Templários, se encontra completamente "divorciado" de todo uma vasto conjunto de castelos erguidos pela mesma Ordem monástico Militar, na mesma altura e que por isso mesmo contam uma história em comum. Não se trata de valorizar aspetos místicos e simbólicos mas de contextos históricos como a Reconquista, a construção do reino de Portugal no século XII, a introdução de novidades trazidas pelos cruzados, a vivência com o Islão, etc. Para muitos castelos, sobretudo do interior, a sua dinamização limita-se a um dia por ano, quando se realiza a feira medieval. E raramente mais do que o aspeto lúdico é explorado.

Nesta região a grande fonte de turistas é a variedade de turismo natural que existe. Em termos de turismo natural os locais foram preservados, e isso deve-se possivelmente ao facto da zona não ter sido excessivamente explorada. Um dos melhores exemplos é o Parque Icnológico de Penha Garcia[40], um Geomonumento reconhecido pela UNESCO, e onde é possível observar 36 formas de comportamento animal que remontam à cerca de 480 milhões de anos. Outros exemplos de turismo natural na região são o Parque Natural do Tejo Internacional[41] que se foca na preservação de espécies animais como a águia-real e o abutre-preto entre muitas outras, a Reserva Natural da Serra da Malcata[42] na zona de Penamacor e onde são protegidas a fauna e a flora tão identitárias da região, o Geopark Naturtejo da Meseta Meridional[43] que possui mais de 5000 km^2 para visitar e, aberto recentemente, o Parque Natural do Barrocal[44], em plena cidade de Castelo Branco, e que recebeu o Prémio Geoconservação 2021.

Perante a situação pandémica que se vive em Portugal desde o início de 2020 os portugueses, impossibilitados de viajar para outros países, partiram à descoberta do seu próprio país. Muitos escolheram visitar o interior por ser económico e por possuir uma grande

---

[40] Parque Icnológico de Penha Garcia [consultado a 24 de setembro de 2021] Disponível em https://www.naturtejo.com/ficheiros/conteudos/files/parque-icnologico-penha-garcia.pdf

[41] Parque Natural do Tejo Internacional [consultado a 24 de setembro de 2021] Disponível em https://natural.pt/protected-areas/parque-natural-tejo-internacional?locale=pt

[42] Reserva Natural da Serra da Malcata [consultado a 24 de setembro de 2021] Disponível em https://natural.pt/protected-areas/reserva-natural-serra-malcata?locale=pt

[43] Geopark Naturtejo da Meseta Meridional [consultado a 24 de setembro de 2021] Disponível em https://www.naturtejo.com/conteudo.php?id=19

[44] Parque Natural do Barrocal [consultado a 24 de setembro de 2021] Disponível em https://barrocal-parque.pt/o-barrocal.html

e diversificada oferta de atividades. Os turismos rurais nos locais mais remotos foram uma opção para quem procurava descansar e afastar-se do movimento urbano. Tal como as praias fluviais e as piscinas naturais foram escolhidas em vez das praias. Talvez por uma questão económica, visto que são muito poucas as que é necessário pagar entrada, ou apenas por procurarem algo novo estes espaços tornaram-se de tal forma uma tendência que os habitantes locais e as pessoas que os frequentavam habitualmente deixaram de o poder fazer.

A falta de promoção e divulgação por parte das autarquias traduz-se na diminuição dos visitantes que por sua vez, desconhecem o património porque este não é suficientemente promovido. Como será possível observar, a maioria dos castelos aqui mencionados não possui qualquer tipo de proteção legal. Esta é outra demonstração da falta de interesse dos municípios ainda que seja uma possível fonte de receita tanto direta como indireta. No caso das receitas indiretas, a principal beneficiada é a população, especialmente os pequenos comerciantes. Havendo maior circulação de turistas, o pequeno comércio, a restauração e a hotelaria receberiam mais clientes e consequentemente um maior volume de negócio.

Objetivo

Como já foi mencionado anteriormente, a fraca promoção e divulgação do património no interior levou a que espaços plenos de potencial sejam esquecidos. É, por isso, necessário apostar-se na sensibilização das comunidades e das autarquias para este património, para o seu reconhecimento, preservação e dinamização.

Aos aspetos identitários e de criação de uma partilha/empatia entre as populações e o património, acrescem os benefícios que representa para o sector económico, em função do acréscimo de procura turística. A economia local (restauração, hotelaria, pequenas empresas de venda de produtos regionais) hoje frequentemente alavancados por incorporação de design e redes de distribuição mais alargadas, promotores de turismo cultural, passeios pedestres, BTT, entre outros, são aspetos que podem ser encontrados em muitas regiões do nosso país e que funcionam já como exemplo de boas práticas. Em conjunto e quando integradas entre si, podem ajudar a resolver os problemas de perda de população a que o interior do país continua sujeito. Por isso, têm sido criadas estratégias para que os jovens se fixem no interior. Os castelos e o seu potencial tem de fazer parte destas estratégias.

Esta rota tem uma enorme versatilidade, atraindo públicos muito diferenciados do mais leigo ao mais especializado, do mais jovem ao mais maduro, de quem procura um percurso tranquilo aos que preferem o dinamismo e as aventuras radicais. Um castelo, na sua localização, com os elementos que o constituem e com a História que narra, tem a capacidade de oferecer tudo isso. E, contudo, existe ainda muito pouca informação. Esta rota constitui uma primeira resposta a quem procura um conhecimento mais detalhado sobre os castelos da Beira Baixa.

A intenção é que este projeto seja apresentado a várias entidades, como as autarquias e empresas turísticas que se encontrem a trabalhar nesta região e propor uma parceria entre os demais municípios para que a rota seja concretizada. Tendo em conta que não requer um grande investimento pois os materiais práticos já existem sendo apenas necessário construir o website, o presente projeto apresenta-se como um recurso para promover o património.

Metodologia

O primeiro passo na realização desta rota foi a escolha dos castelos. Sabia-se de antemão que os castelos deveriam estar localizados no distrito de Castelo Branco visto que é uma região subdesenvolvida em termos de investigação histórico-artística. A seleção dos castelos a integrar foi feita com base no cruzamento de três elementos: *Livro das Fortalezas* de Duarte de Armas, o Sistema de Informação para o Património Arquitectónico e fichas do IGESPAR, num primeiro momento. Depois de analisar o potencial de investigação que cada um dos castelos apresentava surgiu o conjunto de 7 castelos que aqui se reunem.

A fase seguinte passou por trabalho de campo e levantamento de dados. Apesar de conhecer a zona relativamente bem, o trajeto foi encarado enquanto turista que o visita pela primeira vez. Neste sentido, procurei fazer-me sistematicamente acompanhar por alguém de outra área de estudos, capaz de elencar um conjunto de questões relacionadas com a escolha e tratamento de informações revelando desconhecimento sobre algumas matérias, chamando a atenção para desenvolvimentos excessivos, ou incompreensão de termos específicos, etc. Foi por esta mesma razão que se optou por colocar um glossário com palavras mais técnicas em cada ficha para que todo o público em geral possa compreender. No entanto, no caso dos investigadores e académicos que queiram saber mais podem consultar a bibliografia

aconselhada para cada castelo de forma a aprofundarem o seu estudo caso não considerem a informação apresentada suficiente.

Optou-se pela solução de fichas informativas, com fotografias e iluminuras, por ser uma forma de apresentação mais dinâmica e apelativa e por permitir a consulta de apenas uma, de várias ou da totalidade de castelos que compõem o percurso.

As informações coligidas nas fichas, organizadas num design *friendly* e transmitidas em linguagem inclusiva, integram aspetos diferentes. Numa primeira parte, fornece-se ao leitor informações básicas como a(s) identificação comum do castelo, a sua localização exata, os acessos, o tempo aproximado de visita e os horários. Associam-se ainda algumas notas sobre que tipo de equipamentos se pode encontrar (cafetaria, centro de interpretação, instalações sanitárias, etc.,) bem como a entidade administrativa e o grau de proteção. Segue-se a nota histórica que contextualiza o castelo, da sua construção às vicissitudes por que passou no decorrer dos séculos seguintes. Figuras e eventos relacionados, a par do porquês e do como, ou seja das problemáticas associadas ao edifício e seus usos são transmitidos aos visitantes em linguagem acessível ainda que não simplista. Integra-se um breve capítulo com bibliografia e remata-se com características, destaques, o glossário e um mapa geral da rota onde o castelo em causa surge assinalado. Sempre que o castelo integre o Álbum das Fortalezas de Duarte de Armas, propõe-se um exercício, ora de procura de diferenças entre a vista panorâmica de há 500 anos, ora de identificação dos elementos debuxados pelo escudeiro de D. Manuel e sua correspondência com o que ainda hoje pode ver-se na estrutura edificada.

Finalmente, num segundo momento, pretende-se disponibilizar o conjunto de fichas num website e, eventualmente, colocar códigos QR nos espaços que darão acesso a esse mesmo website. As fichas poderão ser consultadas em formato pdf ou impressas, caso os visitantes desejem levá-las consigo. Por uma questão ambiental e sustentável, não se optou pela distribuição das fichas no modelo de *Flyers*.

A rota

Esta rota surge como uma alternativa à oferta cultural já existente no distrito de Castelo Branco. É um percurso relativamente simples, com passagem por 7 localidades, num total de cerca de 200 quilómetros de estrada com um percurso entre localidades de cerca de 3 horas. Com o tempo das visitas a cada castelo é possível percorrer a rota completa em 1 ou 2 dias, consoante o ritmo desejado. Todas as localidades estão dispersas pelo distrito de Castelo Branco e a rota pode ser iniciada em qualquer uma delas não existindo uma ordem de importância ou sequência preestabelecida. Começando de norte para sul, os 7 castelos analisados são os de Belmonte, Castelo Novo, Penamacor, Penha Garcia, Monsanto, Castelo Branco e Vila Velha de Ródão.

A rota estará disponível *online*, integrada num website onde serão fornecidas fichas informativas aos visitantes podendo ser impressas e transportadas pelos visitantes, caso assim o desejem. Paralelamente prevê-se que as mesmas fichas possam ser acedidas através de códigos QR presentes nos espaços a visitar, não requerendo uma preparação prévia. Nas fichas informativas é possível encontrar toda a informação necessária para visitar os castelos,

incluindo os horários e o preçário caso seja aplicável, os acessos e se dispõem de outros equipamentos como centro interpretativo, cafetaria/restaurante ou instalações sanitárias. Possuem também um conjunto de fotografias, bibliografia aconselhada, destaques, e, sobretudo, uma nota histórica onde se destacam balizas cronológicas, contextos políticos, militares e sociais que explicam a construção e evolução do castelo, figuras e acontecimentos históricos relacionados com cada uma das estruturas, bem como a função e origem das principais inovações arquitectónicas. Nos casos dos castelos que possuem desenhos produzidos por Duarte de Armas é feita uma comparação entre o século XVI e a atualidade, no que de alguma forma implica também um carácter lúdico de descoberta de diferenças. As diversas questões foram equacionadas tendo em conta os diversos públicos, mais ou menos interessados, as dificuldades e os tempos de percurso, os mais jovens e a facilidade de compreensão da informação através de uma escrita que se pretendeu inclusiva.

As fichas foram produzidas com o objetivo de fornecer informação suficiente para a compreensão dos castelos mas sem sobrecarregar o visitante, ainda que se abram "janelas" para quem estiver interessado em saber mais indicando bibliografia complementar. Ao mesmo tempo, pensou-se num design apelativo: cada ficha tem, em média, sete páginas compostas por texto e imagens, tendo-se dado preferência a iluminuras da época medieval e aos já referidos debuxos de Duarte de Armas.

Porque a concretização do roteiro foi o objetivo fundamental deste projeto, embora apenas em formato de papel e não na versão *online*, o próximo capítulo integra o conjunto das fichas pela seguinte ordem: Belmonte[45], Castelo Novo[46], Penamacor[47], Penha Garcia[48], Monsanto[49], Castelo Branco[50] e Vila Velha de Ródão[51].

---

[45] Ver infra, p. 34

[46] Ver infra, p. 40

[47] Ver infra, p. 45

[48] Ver infra, p. 53

[49] Ver infra, p. 61

[50] Ver infra, p. 70

[51] Ver infra, p. 78

Belmonte

Localização: Largo do Castelo, 6250-067 Belmonte (40° 21' 32" N, 7° 20' 53" W)

Acessos: Acesso restrito consoante pagamento. Fácil acesso por automóvel até ao parque de estacionamento junto ao castelo e a pé, subindo pela Rua 25 de abril ou pela Rua Direita. Acessibilidade a pessoas com mobilidade reduzida. Acessos às torres por escadarias e plataformas de ferro.

Duração da visita: cerca de 45/60 minutos

Horário / preçário: 10h-13h e 14h30-17h30 (encerrado às segundas-feiras) 1,50€ 6-18 anos/cartão-jovem/reformados, 2€ normal

Informações: Possui Centro Interpretativo bem como painéis de informação ao longo do percurso do castelo.

Equipamentos integrados: Centro Interpretativo na entrada do castelo, anfiteatro no pátio do castelo e salas de exposição na Torre de Menagem e na estrutura que integrava o antigo Paço dos Alcaides.

Enquadramento: Urbano, o castelo está situado no topo do cabeço e com casario à sua volta.

Eventos e celebrações: Belmonte Medieval - mercado medieval, realiza-se anualmente no final da primeira quinzena de agosto

Identidade administrativa: Estado Português

Grau de protecção patrimonial: Monumento Nacional (Decreto nº14 425, DG, 1ª série, nº228 de 15 de outubro 1927)

Nota histórica: Em 1168, no âmbito da Reconquista e reorganização do novo reino de Portugal, o território de Centum Celas que integrava Belmonte, foi doado ao Bispo de Coimbra. Em 1194, o prelado atribui carta de foral à localidade por forma a restaurar e povoar o território. Entre os finais do séc. XII e os inícios do séc. XIII iniciou-se a construção do castelo e torre de menagem para o que foi necessário demolir algumas casas que aí se encontravam. Em breve a povoação desenvolver-se-ia no extramuros. Em 1256, Belmonte passará para a posse da Sé da Guarda cujo território estava então em formação, em grande parte à custa de terras pertencentes à Sé de Coimbra. A importância deste território foi fundamental em termos defensivos até à assinatura do Tratado de Alcanices em 1297, uma vez que nesta altura a fronteira definida avança para leste.

Na sequência das guerras joaninas nos finais do séc. XIV o castelo é confiscado por D. João I (r. 1385-1433) e entregue a Luis Álvares Cabral que, com a sua família, aí passa a residir. No início do séc. XVI é edificado o Solar dos Cabrais, de que ainda hoje se podem observar vestígios. O castelo serve a função de residência senhorial até 1762, quando morre Caetano Francisco Cabral, o último senhor de Belmonte. A construção que se encontra junto à porta, que integrava o Paço dos Alcaides, serviu como cadeia no início do séc. XX. Com obras em meados do séc. XX voltará a ser intervencionado na década de 90 quando é construído o anfiteatro que hoje podemos ver.

Bibliografia essencial: Sistema de Informação para o Património Arquitectónico http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2495 (consultado a 8/04/2021); GOMES, Rita Costa - *Castelos da Raia: Beira*. Lisboa: IPPAR, 1997, vol. 1; MARQUES, Manuel, *Subsídios para uma Monografia da Vila de Belmonte*, Belmonte, s.d.; MARQUES, Manuel, Concelho de Belmonte - Memória e História, Belmonte, 2001; SALVADO, António, *Elementos para um Inventário Artístico do Distrito de Castelo Branco*, Castelo Branco, 1976.

Época construção inicial: início do séc. XIII

Formato da planta: Oval irregular

Materiais: alvenaria e cantaria de granito

Adaptações (pirobalística)? Sim, a existência de troneiras cruzetadas mostra que o castelo estaria adaptado à pirobalística

Torre de menagem? Sim, adossada à muralha no ângulo sudoeste

Poço/cisterna? Sim, situada junto à muralha nascente do castelo

Características: O castelo apresenta uma planta retangular ovalada possuindo a Torre de Menagem adossada à muralha no ângulo sudoeste. É provável que a Torre de Menagem seja um dos poucos vestígios do castelo medieval, tendo em conta que as obras realizadas para a adaptação do castelo a residência senhorial no séc. XV destruíram uma grande parte. A zona sul e oeste do actual castelo corresponderia ao antigo Paço dos Alcaides que foi residência da família dos Cabrais. O castelo possui duas portas, uma delas, em cotovelo, na fachada sul, que é utilizada como entrada nos dias de hoje. Por cima desta porta pode ver-se um balcão com matacães. Na fachada oeste destaca-se a janela manuelina que integrava o antigo Paço dos Alcaides.

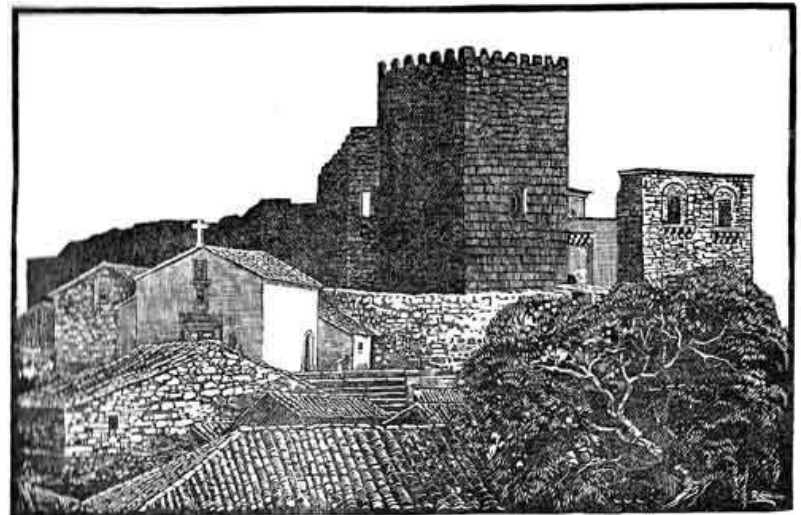
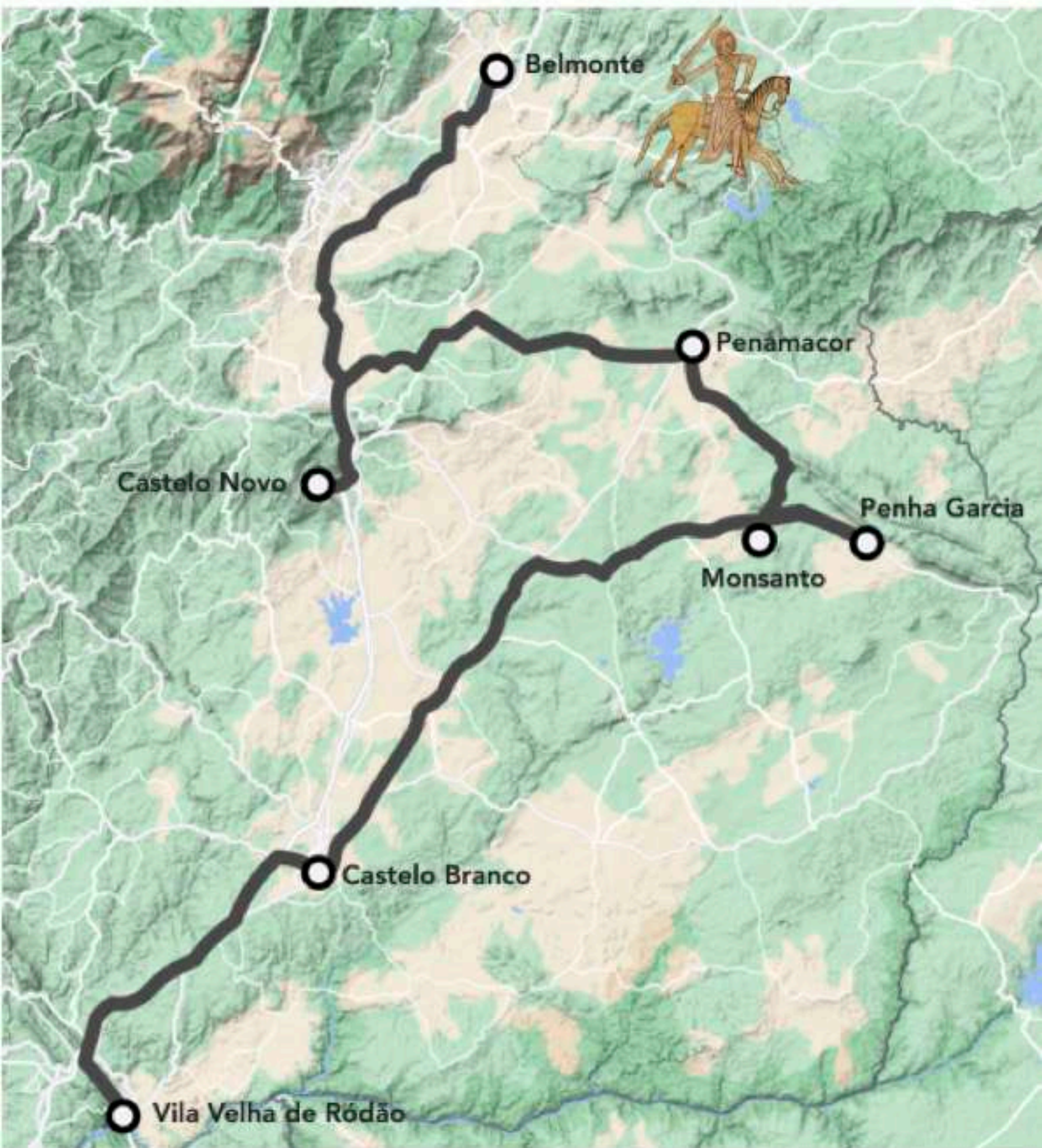
DESTAQUE: Belmonte possui uma das maiores Comunidades Judaicas que existe em Portugal e perdura já há séculos. A presença desta comunidade é evidenciada pela existência de locais como a Sinagoga, a Antiga Judiaria e o Museu Judaico.

Glossário:

<u>Carta de foral / foral</u> - documento passado pelo monarca que estabelecia um concelho e respectiva administração, enumerando os deveres e privilégios de ambas as partes, da coroa e do concelho.

<u>Extramuros</u> - que se encontra fora da muralha

<u>Troneiras cruzetadas</u> - Abertura em forma de cruz na muralha por onde se disparava o *tron* (arma de fogo)

<u>Balcão com matacães</u> - plataforma saliente (ou varanda) em torre ou muralha, com abertura na parte inferior para permitir o arremesso de projéteis contra inimigos

Belmonte — Portugal

Interior do Castelo

Belmonte

Penamacor

Castelo Novo

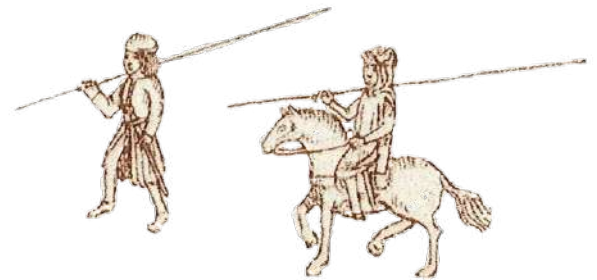
Penha Garcia

Monsanto

Castelo Branco

Vila Velha de Ródão

Castelos da Raia

Castelo Novo

Localização: Rua do Castelo, Castelo Novo (40° 04' 40" N, 7° 29' 46" W)

Acessos: Livre e gratuito. Acesso à vila pela Estrada da Santa da Sra. do Convento e depois pela Rua de São Braz. Subida até ao castelo pela Rua da Misericórdia e pela Rua do Castelo. A entrada no castelo é feita pelo Largo do Adro, junto à Igreja Paroquial de Castelo Novo. Acessos feitos por plataformas de ferro e escadarias. Condicionado a pessoas com mobilidade reduzida.

Duração da visita: cerca de 30 minutos

Horário / preçário: Aberto 24 horas

Informações: Painéis de informação disponíveis.

Equipamentos integrados: Não

Enquadramento: Urbano, situado no topo e no interior do aglomerado urbano.

Eventos e celebrações: *12 em Rede - Aldeias em Festa*, iniciativa das Aldeias Históricas de Portugal e do Município do Fundão (sem data fixa)

Identidade administrativa: Município do Fundão

Grau de protecção patrimonial: Conjunto de Interesse Público (Portaria n.º 606/2020, DR, 2.ª série, n.º 203, de 19 de outubro de 2020)

Nota histórica: Alpreada, a antiga denominação de Castelo Novo, recebeu foral em 1202 de Pedro Guterres e sua família por forma a povoar e reorganizar o território. Em 1252 a vila de Castelo Novo foi doada à Ordem do Templo sendo muito provavelmente dessa época a construção do castelo. Como tantos outros castelos portugueses, também este sofre alterações no reinado de D. Dinis (r. 1279-1325) monarca responsável por uma vasta campanha de obras de atualização das estruturas defensivas do reino. Desta época datará a abertura da porta oeste e as estruturas que a envolvem como o cubelo e a Torre de Menagem.

Com a extinção da Ordem do Templo em 1312, os bens dos templários passam a integrar a Ordem de Cristo, recém criada. Na segunda metade do séc. XIV o castelo é parcialmente destruído, sobretudo parte das muralhas, seguindo-se um período de abandono. No entanto, durante o reinado de D. João I (r. 1385-1433) esta fortificação volta a ganhar importância devido à sua localização junto a uma das principais entradas no reino. No final do séc. XIV e até meados do séc. XV foram provavelmente feitas alterações no castelo, em concreto na Torre de Menagem, com destaque para abertura de janelas com conversadeiras por forma a tornar a torre mais cómoda e apropriada à função residencial.

Segundo o Tombo dos bens da comenda de Castelo Novo e Alpedrinha, da Ordem de Cristo e datado de 1505, o castelo acusava alguma degradação. Em 1510, D. Manuel (r. 1495-1521) outorga novo foral à vila de Castelo Novo, confirmando a anterior denominação de Alpreada.

Em 1740, é feita uma actualização dos bens da comenda, onde é referido que o castelo se encontra quase em ruína. Com o terramoto de 1755, não é particularmente danificado tendo apenas caído algumas pedras da muralha, já em situação frágil.

O concelho de Castelo Novo foi extinto em 1835 e passou a integrar o concelho de Alpedrinha, que acabou por sofrer o mesmo desfecho sendo extinto no ano seguinte e passando ambos a fazer parte do concelho do Fundão.

Em 2003 foi elaborado um projecto de revitalização do castelo pela Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais em cooperação com a Câmara Municipal do Fundão.

Bibliografia essencial: Sistema de Informação para o Património Arquitectónico http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2495 (consultado a 8/04/2021); GOMES, Rita Costa - *Castelos da Raia: Beira*. Lisboa: IPPAR, 1997, vol. 1; SALVADO, António, *Elementos para um Inventário Artístico do Distrito de Castelo Branco*, Castelo Branco, 1976.

Época construção inicial: séc. XIII
Formato da planta: Ovalada irregular
Materiais: cantaria e alvenaria de granito
Adaptações (pirobalística)? Aparentemente não

Torre de menagem? Sim, junto à muralha oeste na zona mais elevada.

Poço/cisterna? Não

Características: O castelo, assente em local de grandes afloramentos rochosos, adapta-se ao terreno. Do seu perímetro ovalado desapareceram os panos da muralha norte e oeste destacando-se ainda a presença das duas torres, a do relógio e a de menagem, embora esta parcialmente destruída. Sobressai igualmente um cubelo que protegia a porta sudoeste. A Torre de Menagem situada no ponto mais elevado, era composta por 3 pisos. A torre do relógio apresenta apenas 2. A entrada no castelo é feita actualmente pelo Largo do Adro e por uma estrutura moderna e metálica.

DESTAQUE: A sua localização a 638 metros de altitude confere-lhe uma extensa visibilidade do território envolvente. Apesar de ter estado à beira da ruína total em vários momentos chegou-nos uma boa ideia do que o castelo teria sido no seu auge.

Glossário:

Carta de foral / foral - documento passado pelo monarca que estabelecia um concelho e respectiva administração, enumerando os deveres e privilégios de ambas as partes, da coroa e do conselho

Janelas com conversadeiras - janelas que possuem bancos abaixo do peitoril

Cubelo - torreão de planta circular ou semi-circular, com a função de reforço de uma muralha

Belmonte

Penamacor

Castelo Novo

Penha Garcia

Monsanto

Castelo Branco

Vila Velha de Ródão

Penamacor

Localização: Rua de São Pedro, 6090-520 Penamacor (40° 10'01" N, 7° 09' 56" W)

Acessos: Acesso por automóvel até à Rua de São Pedro, perto da localização da antiga Igreja de Santa Maria. Acesso à Torre de Menagem feito por escadaria, condicionado a pessoas com mobilidade reduzida.

Duração da visita: cerca de 30 minutos

Horário / preçário: Aberto 24 horas

Informações: Painéis de informação disponíveis.

Equipamentos integrados: Não

Enquadramento: Urbano mas isolado

Eventos e celebrações: *Vila Madeiro*, realizada anualmente próxima da altura do Natal. É conhecido como o maior madeiro do país.

Identidade administrativa: Município de Penamacor

Grau de protecção patrimonial: Monumento Nacional (Decreto nº 14/2013, DR, 1ª série, nº 119 de 24 de junho de 2013)

Nota histórica: D. Afonso Henriques (r. 1139-1169) doa as terras de Monsanto e Idanha, das quais fazia parte Penamacor, à Ordem do Templo, em 1165, por forma a que estas fossem povoadas e fortificadas. A construção provável do castelo data do final do séc. XII ou início do séc. XIII. Em 1209, D. Sancho I (r. 1185-1211) concede foral a Penamacor. Das reformas implementadas por D. Dinis (r. 1279-1325) monarca responsável por uma vasta campanha de atualização das estruturas militares do reino, sobretudo junto à fronteira. Desta época surge, provavelmente, a cerca urbana da vila.

Com a extinção da Ordem do Templo em 1312, a vila de Penamacor e o seu castelo passam a integrar os bens da Ordem de Cristo segundo a bula *"Ad ea ex quibus"*, de João XXII, datada de 1319.
A construção da barbacã, conferindo uma dupla protecção ao local, datará provavelmente do reinado de D. Fernando (r. 1367-1383). Em 1379, face à quebra populacional e à posição fronteiriça da vila, o rei funda um couto de homiziados em Penamacor, ou seja, povoa a região com criminosos que, aceitando residir por um determinado período de tempo adquiriam o perdão régio.

Em 1478, D. Afonso V (r. 1438-1481) doa a vila e a sua fortificação ao seu filho, o príncipe D. João. No final do século, em 1498, o rei D. Manuel (r. 1495-1521) dá o privilégio à vila de voltar a ser da Coroa. Mais tarde, em 1510, o monarca concede foral novo a Penamacor e 5 anos depois, em 1515, ordena a realização de obras no castelo. Desta época datam as armas reais na fachada norte da Torre de Menagem e nos Paços do Concelho.

No início do séc. XVIII foram realizadas reparações no castelo, concretamente em 1719, sob a direção do engenheiro militar Manuel Pinto Villalobos. Em 1739, o paiol que se encontrava junto à Torre de Menagem sofreu uma violenta explosão depois da queda de um raio, provocando grandes danos na estrutura. A visita do Conde de Lippe a várias fortificações, em 1764, revelou que a fortaleza de Penamacor era frágil do ponto de vista defensivo.

Durante as Invasões Francesas, Penamacor foi conquistada pelas tropas napoleónicas que estabeleceram o seu quartel-general no Convento de Santo António.

Em 1933, deu-se o entulhamento do Poço d'El Rei por iniciativa do município. Já no séc. XXI, nomeadamente em 2017, foi aberto concurso para obras de requalificação no castelo que estão actualmente em curso.

Bibliografia essencial: Sistema de Informação para o Património Arquitectónico http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2495 (consultado a 8/04/2021); ARMAS, Duarte de - *Livro das Fortalezas*. Fac-simile do MS. 159 da Casa Forte do Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Lisboa: Patrocínio da Academia Portuguesa de História; edições Inapa, 1997; SALVADO, António, *Elementos para um Inventário Artístico do Distrito de Castelo Branco*, Castelo Branco, 1976.

Fontes iconográficas: Desenhos do *"Livro das Fortalezas"* de Duarte de Armas ; Gravura *Pena macor*, por C. Turner, 1811

Época construção inicial: séc. XIII

Formato da planta: rectangular irregular

Materiais: cantaria e alvenaria mistas de granito

Adaptações (pirobalística)? Sim, possuía troneiras cruzetadas e uma fortaleza abaluartada foi acrescentada no séc. XVII.

Torre de menagem? Sim, planta quadrangular e 3 pisos.

Poço/cisterna? Sim, conhecido como Poço d'El Rei.

Características: Do castelo medieval, propriamente dito, subsistem apenas duas estruturas identificáveis, a Torre de Menagem e o Poço d'El Rei. Existe também parte da muralha da vila, a zona da porta da vila que hoje se conhece como a Antiga Casa da Câmara que vai até à Torre do Relógio. A Torre de Menagem, de planta quadrangular, tem entrada na fachada nascente ao nível do primeiro piso (embora actualmente encerrada ao público). Na fachada norte é possível observar as armas reais ladeadas por esferas armilares. É curioso verificar como Duarte de Armas escreve no seu desenho que quando passou

por Penamacor a torre ainda estava em construção mas que já atingia as 14 varas ou seja 15,4 metros. Na realidade, viria a ser rematada com um machicouli, isto é, uma varanda continua com orifícios no pavimento a partir dos quais os soldados podiam fazer disparo vertical, protegendo a base da torre. O Poço d'El Rei posiciona-se a norte da Torre de Menagem e apresenta uma forma circular encontrando-se actualmente entaipado. É possível reconhecer parte da fortificação abaluartada nomeadamente o baluarte que se encontra junto à porta da vila.

DESTAQUE: Os desenhos de Penamacor de Duarte de Armas, integrados no Livro das Fortalezas, mostram uma vila densamente construída no interior das muralhas e permitem perceber a dimensão do castelo medieval, maior do que outros também posicionados na raia. Mostram ainda como na primeira década do séc. XVI a barbacã se encontrava já bastante arruinada. Contrariamente, nos dias de hoje, a vila desenvolve-se toda fora de muralhas permanecendo o interior muito despovoado. A Casa da Câmara, que está situada por cima da antiga porta da vila, era onde se realizavam as sessões sobre os assuntos do concelho até meados de 1800, quando foi alterada para onde está hoje localizada.

Glossário:

Carta de foral / foral - documento passado pelo monarca que estabelecia um concelho e respectiva administração, enumerando os deveres e privilégios de ambas as partes, da coroa e do concelho.

Barbacã - Muro colocado no exterior da muralha de menor altura que esta, com a função de primeiro obstáculo.

Couto de homiziados - terras que acolhiam condenados. Ao aceitarem residir nesses locais , por um determinado número de anos (5 por exemplo) conseguiam o perdão das penas e a liberdade. Eram instituídos em territórios com baixa população por forma a inverter esta tendência.

Paiol - Estrutura onde se armazenavam explosivos e munições

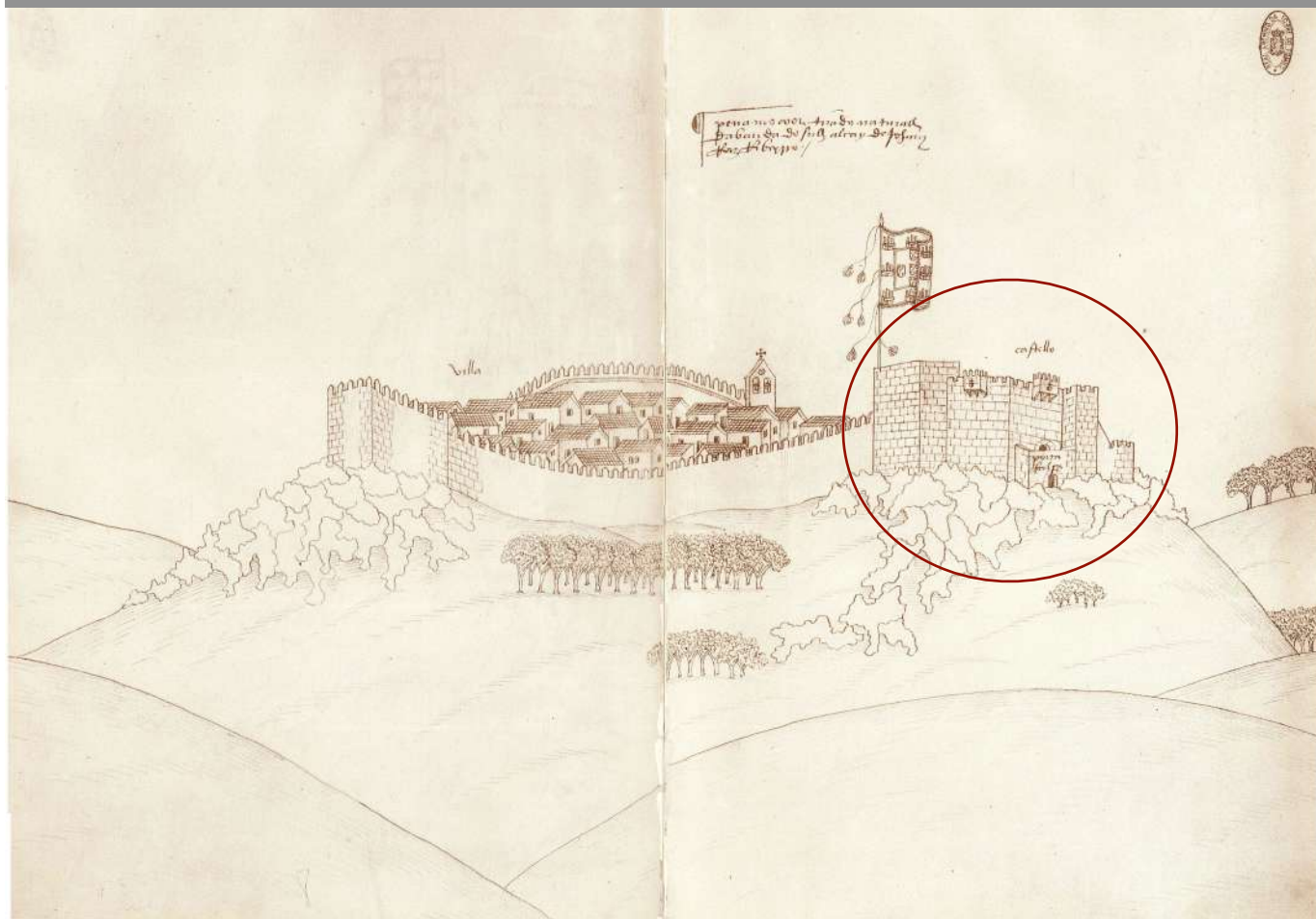
Troneiras cruzetadas - Abertura em forma de cruz na muralha por onde se disparava o *tron* (arma de pirobalística)

Baluarte - estrutura defensiva situada nas esquinas das fortificações

Madeiro - grande fogueira acendida no centro da aldeia, ou praça, próximo do Natal. É tradição a população juntar-se à volta do madeiro depois da missa do Galo para dançar e cantar.

Duarte de Armas - escudeiro de D. Manuel encarregue de realizar um levantamento de todos os castelos de fronteira e das suas condições.

500 anos de diferenças

Compare a vista que Duarte de Armas desenhou em 1509 com a atualidade. A Porta da Vila, à direita, pode servir como ponto de apoio.

Planta do castelo de Penamacor de Duarte de Armas no *"Livro das Fortalezas"* com os elementos existentes identificados

Belmonte

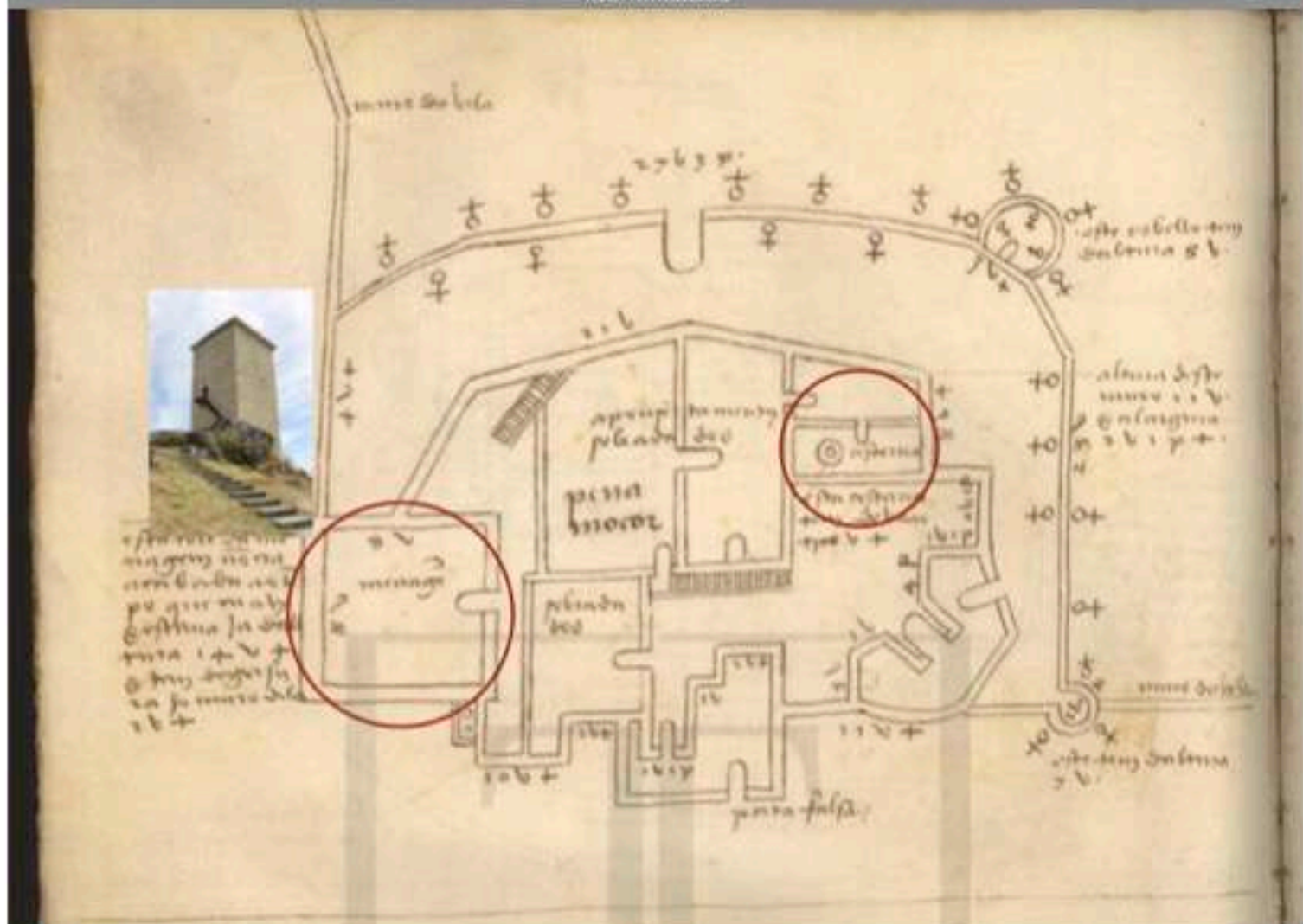
Penamacor

Castelo Novo

Penha Garcia

Monsanto

Castelo Branco

Vila Velha de Ródão

Penha Garcia

Localização: Rua da Lapa (40° 02' 35 N, 7° 00' 56 W)

Acessos: Livre e gratuito. Acesso de automóvel até à Rua da Lapa, onde existe um pequeno estacionamento assim como no Largo da Igreja. Acesso ao recinto do castelo através de escadarias e piso irregular.

Duração da visita: cerca de 30 minutos

Horário / preçário: Aberto 24 horas

Informações: Não possui Balcão de Informações ou Centro Interpretativo ou painéis de informação.

Equipamentos integrados: Não

Enquadramento: Peri-urbano. O castelo está isolado no topo de um maciço rochoso mas próximo de casario.

Eventos e celebrações: Penha Garcia Templária - Feira Medieval, realiza-se de 2 em 2 anos no mês de Agosto.

Identidade administrativa: Município de Idanha-a-Nova

Grau de protecção patrimonial: sem protecção

Nota histórica: No ano de 1256, o monarca D. Afonso III (r. 1248-1279) concede foral à povoação seguindo o modelo de Ávila/Évora. No início do século seguinte, em 1303, o seu filho D. Dinis (r. 1279-1325), doa o castelo e a vila de Penha Garcia à Ordem do Templo, a quem se deve a construção do castelo que hoje conhecemos. No entanto, com a extinção dos Templários em 1312, as terras e os seus bens são doados à Ordem de Cristo. No séc. XV, mais especificamente em 1431, é criado um couto de homiziados na vila de Penha Garcia pelo monarca D. João I (r. 1385-1433). As reformas de adaptação à pirobalística (uso da pólvora) feitas no castelo, nomeadamente a barbacã e a abertura de troneiras nas muralhas, datam provavelmente do séc. XV. Em 1510, D. Manuel I (r. 1495-1521) concede novo foral à vila. No séc. XIX o concelho de Penha Garcia desaparece e passa a integrar o concelho de Idanha-a-Nova, o que leva ao progressivo abandono e degradação do castelo.

Bibliografia essencial: Sistema de Informação para o Património Arquitectónico http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2495 (consultado a 25/04/2021); ARMAS, Duarte de - *Livro das Fortalezas*. Fac-simile do MS. 159 da Casa Forte do Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Lisboa: Patrocínio da Academia Portuguesa de História; edições Inapa, 1997; GOMES, Rita Costa - *Castelos da Raia: Beira*. Lisboa: IPPAR, 1997, vol. 1; Geopark Naturtejo https://www.naturtejo.com/conteudo.php?opt=o-que-visitar&id=62 (consultado a 27/04/2021); SALVADO, António, *Elementos para um Inventário Artístico do Distrito de Castelo Branco*, Castelo Branco, 1976.

Fontes iconográficas: Desenhos do *"Livro das Fortalezas"* de Duarte de Armas e fotografias do Sistema de Informação para o Património Arquitectónico, Direção Geral do Património Cultural e Arquitectónico.

Época construção inicial: Séc. XIV (anteriormente existia um castelo primitivo)

Formato da planta: quadrangular

Materiais: cantaria mista de granito e xisto

Adaptações (pirobalística)? Chegou a possuir abertura de troneiras no pano da muralha e um balcão na frente nascente, no entanto estes elementos não chegaram aos dias de hoje.

Torre de menagem? A Torre de Menagem, desaparecida, era de formato hexagonal e encontrava-se num dos ângulos do castelos de forma a proteger a porta.

Poço/cisterna? Sim, os vestígios da mesma encontram-se junto à porta do castelo.

Características: A localização do castelo num alto rochoso proporciona-lhe um alambor natural de rocha, pelo que ficava apenas com um dos lados desprotegido. Na planta desenhada por Duarte de Armas o pátio do castelo é parcialmente ocupado pela cisterna e por dois aposentamentos todos eles encostados aos muros. Estas divisões são ainda actualmente identificáveis.

Já da Torre de Menagem, que se projectava para fora num dos ângulos da muralha, protegendo a entrada do castelo, nada subsiste. Ao castelo situado no alto associava-se pela frente, ou seja no seu lado mais desprotegido, uma dupla barbacã em dois níveis diferentes que constituíam importantes obstáculos ao avanço do inimigo. Na inferior destacava-se um torreão circular já adaptado à pirobalística (uso das armas de fogo), pois nele são bem visíveis troneiras cruzetadas e canhoeiras. Em 1995 foram realizadas obras de restauro das muralhas e das ameias, e foram adicionadas as escadarias de acesso ao castelo, que não existiam anteriormente.

DESTAQUE: A sua localização a mais de 500 metros de altitude proporciona uma vista privilegiada de todas as frentes. A noroeste do castelo situa-se a Serra do Ramiro, onde estava localizada a forca, também conhecida como Castelo da Bufa, devido à frequente permanência da ave *bufo-real*. Nas traseiras do castelo encontra-se o Parque Icnológico de Penha Garcia, um Geomonumento reconhecido pela UNESCO, onde é possível observar 36 formas de comportamento animal que remontam à cerca de 480 milhões de anos.

Glossário:

Carta de Foral - documento passado pelo monarca que estabelecia um concelho e respectiva administração, enumerando os deveres e privilégios de ambas as partes, da coroa e do concelho.

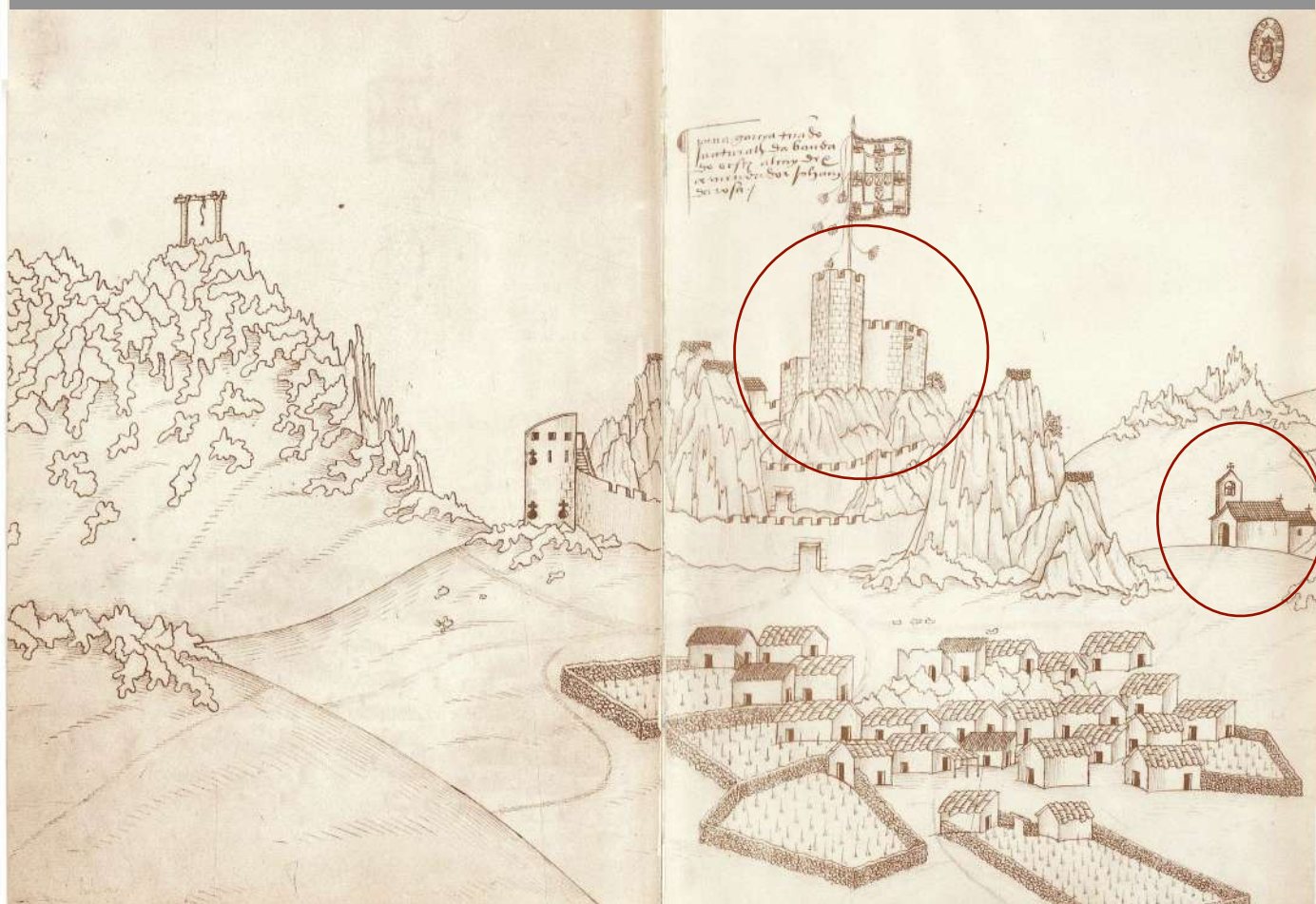
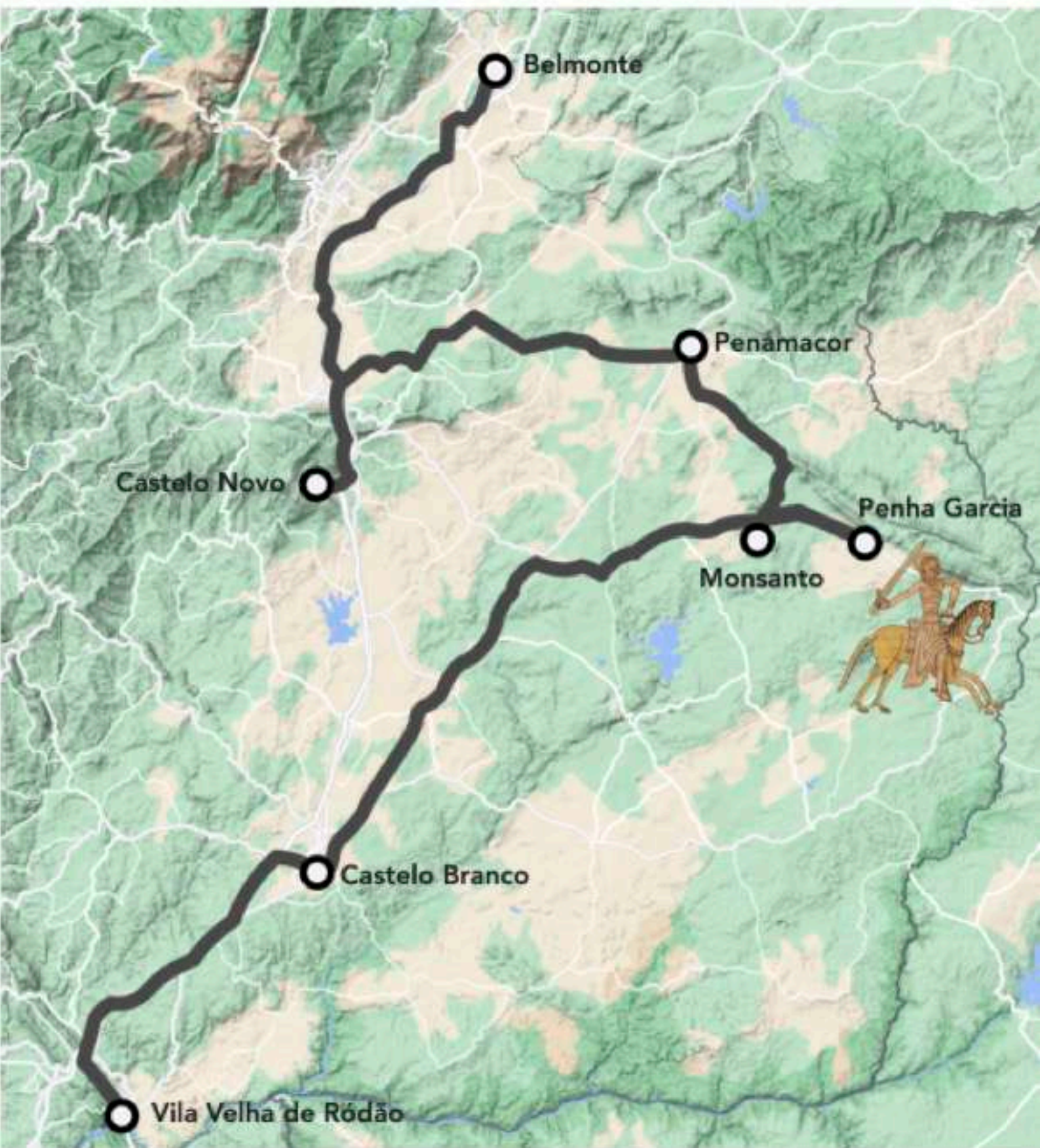
Barbacã - Muro colocado no exterior da muralha de menor altura que esta, com a função de primeiro obstáculo.

Couto de homiziados - terras que acolhiam condenados. Ao aceitarem residir nesses locais , por um determinado número de anos (5 por exemplo) conseguiam o perdão das penas e a liberdade. Eram instituídos em territórios com baixa população por forma a inverter esta tendência.

Troneiras - Abertura na muralha por onde se disparava o *tron* (arma de pirobalística).

Alambor - Mecanismo, que torna a base da muralha mais resistente e difícil de escalar, foi introduzido pelos Templários em Portugal.

500 anos de diferenças

Compare a vista que Duarte de Armas desenhou em 1509 com a atualidade. O castelo, no topo da colina, e a Igreja Matriz, à direita, podem servir como pontos de apoio.

Planta do castelo de Penha Garcia de Duarte de Armas no *"Livro das Fortalezas"* com os elementos existentes identificados

Belmonte
Penamacor
Castelo Novo
Penha Garcia
Monsanto
Castelo Branco
Vila Velha de Ródão

Monsanto

Localização: Rua do Castelo (40° 02' 11 N, 7° 06' 50 W)

Acessos: Livre e gratuito. Acesso apenas a pé pelo interior da vila subindo pela Rua do Castelo. Acessibilidade condicionada a pessoas com mobilidade reduzida. Os acessos aos adarves e às torres apresentam alguma dificuldade não sendo totalmente seguros.

Duração da visita: cerca de 40 minutos

Horário / preçário: Aberto 24 horas

Informações: Painéis de informação disponíveis. É possível pedir mais informações no Posto de Turismo, situado na vila.

Equipamentos integrados: Dentro do recinto do castelo encontra-se a igreja de Santa Maria do Castelo (fechada ao culto, abrindo apenas em épocas festivas). No exterior do recinto encontram-se as ruínas da Igreja de São Miguel e a Torre do Pião.

Enquadramento: Peri-urbano. O castelo está situado no topo do cabeço enquanto que a vila se encontra mais abaixo, na encosta.

Eventos e celebrações: Festa da Divina Santa Cruz, realizada no inicio do mês de maio.

Entidade administrativa: Estado português

Grau de protecção patrimonial: MN - Monumento Nacional (Decreto nº 37 077, DG, 1.ª série, n.º 228 de 29 setembro 1948)

Nota histórica: A terra de Monsanto foi doada à Ordem do Templo pelo rei D. Afonso Henriques (r. 1139-1169) em 1165 mas devido a um litígio com esta Ordem o castelo é doado à Ordem de Santiago em 1172. Dois anos mais tarde, em 1174, D. Afonso Henriques concede Carta de Foral a Monsanto comprovando a importância da vila no povoamento do território. Mas também esta doação não será duradoura sendo anulada em virtude de os freires de Santiago, no decorrer da guerra entre Portugal e Leão, terem aderido ao partido inimigo. Sendo provável que no local já existisse alguma estrutura militar, o castelo que chegou à actualidade terá sido erguido neste século XII . Este situa-se a mais de 700 metros de altitude sendo assim uma localização estratégica conferindo uma visibilidade em quase 360º.

No séc. XIV o castelo sofre obras de reconstrução durante o reinado de D. Dinis (r. 1279-1325) e, mais tarde, durante o reinado de D. Fernando (r. 1367-1383). No fim deste mesmo século assistiu-se a uma descida da população que residia junto ao castelo para a encosta, dividindo assim a vila em dois bairros. No reinado de D. João I (r. 1385-1433) o castelo volta a sofrer obras de renovação sendo introduzida uma barbacã com troneiras junto à porta e uma couraça que terminava num cubelo circular cuja função era proteger o poço, como podemos observar na planta desenhada por Duarte de Armas. Nesta planta, datada do início do séc. XVI podemos identificar também a torre de menagem, que se encontra próxima da muralha, nas traseiras do castelo, uma cisterna que persistiu até aos dias de hoje, portas em cotovelo e diversas torres.

É só no séc. XVII que o castelo é adaptado à artilharia, sendo construídos terraplenos, baterias e cortinas defensivas, e abrindo-se canhoeiras. À Restauração, em 1640, seguiram-se 28 anos de hostilidades e a zona raiana tornou-se uma fronteira activa e muito disputada sendo portanto necessário que as fortalezas da zona estivessem modernizadas.

No ano de 1764, o Conde de Lippe, perspectivando o papel que esta povoação viria a desempenhar no futuro, mandou reforçar a praça de armas e construir uma muralha que, por essa razão ficou conhecida como a "Muralha do Conde de Lippe", cujos vestígios ainda se encontram hoje no local.

Durante o século seguinte são introduzidas variadas alterações tais como a construção do paiol e do hospital na cidadela do castelo e a criação de rampas para a circulação dos canhões. No final do séc. XIX Monsanto deixa de ter guarnição pelo que o castelo perde a sua função militar. Em 1938 a aldeia de Monsanto ganha o prémio *"Galo de Prata"* no âmbito do concurso *"A aldeia mais portuguesa de Portugal"* promovido pelo Secretariado da Propaganda Nacional. Dois anos depois são realizadas obras de restauro no castelo pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

Bibliografia essencial: Sistema de Informação para o Património Arquitectónico http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2495 (consultado a 8/04/2021); ARMAS, Duarte de - *Livro das Fortalezas*. Fac-simile do MS. 159 da Casa Forte do Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Lisboa: Patrocínio da Academia Portuguesa de História; edições Inapa, 1997; MILHEIRO, Maria Manuela de Campos - *Monsanto: História e Arqueologia*, Dissertação de Licenciatura, Faculdade de Letras do Porto, 1982; GOMES, Rita Costa - *Castelos da Raia: Beira.* Lisboa: IPPAR, 1997, vol. 1; SALVADO, António, *Elementos para um Inventário Artístico do Distrito de Castelo Branco*, Castelo Branco, 1976.

Fontes Iconográficas: Desenhos do *"Livro das Fortalezas"* de Duarte de Armas e fotografias do Sistema de Informação para o Património Arquitectónico, Direção Geral do Património Cultural e Arquitectónico.

Época construção inicial: Séc. XII (substituindo provavelmente uma fortificação primitiva)

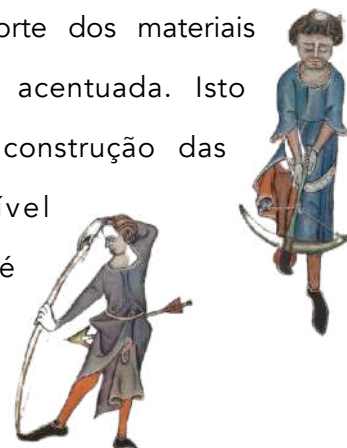
Formato da planta: Irregular adaptando-se ao terreno

Materiais: Cantaria de granito e alvenaria de pedra.

Adaptações (pirobalística)? Sim

Torre de menagem? Sim, adossada ao pano de muralha e em frente à entrada no recinto do castelo.

Características: O afloramento extremamente rochoso do terreno em que o castelo se encontra dificultava a tentativa de cerco pelas forças inimigas. A entrada feita por portas em cotovelo conferia uma maior proteção e ao mesmo tempo a defesa era reforçada pelas várias torres que se encontravam na frente do castelo. Este divide-se em três partes. Na primeira, conhecida como primeiro recinto, de forma rectangular, é possível observar uma bateria com canhoeiras voltada para a entrada. No segundo recinto (o oficial), podemos encontrar a Torre de Menagem adoçada à muralha e junto à porta da Traição e, à nossa esquerda, a Igreja de Santa Maria do Castelo. No lado contrário à nossa direita vemos a entrada para a cidadela, terceira e última parte, a mais alta e bem defendida, de forma também muito irregular onde os penedos têm um papel fundamental. Mais ou menos ao centro encontra-se a cisterna junto a um penedo e protegida por um gradeamento de ferro. Dentro da cidadela é ainda possível reconhecer a antiga estrutura do hospital e o local onde estava o paiol que explodiu ao ser atingido por um raio em 1813.

DESTAQUE: A sua localização a mais de 700 metros de altitude e o facto de se encontrar construído num terreno muito rochoso confere a este castelo uma visão privilegiada de todas as frentes. A utilização dos penedos como parte da construção do castelo é algo único uma vez que era necessário rentabilizar os recursos disponíveis no local face à dificuldade de transporte dos materiais para uma altitude tão acentuada. Isto acontecia também na construção das casas, como é possível observar ao subir a vila até ao castelo.

Glossário:

Carta de Foral - documento passado pelo monarca que estabelecia um concelho e respectiva administração, enumerando os deveres e privilégios de ambas as partes, da coroa e do concelho.

Barbacã - Muro colocado no exterior da muralha de menor altura que esta, com a função de primeiro obstáculo.

Troneiras - Abertura na muralha por onde se disparava o *tron* (arma de pirobalística).

Couraça - Parte da muralha que se estende para o exterior e permite um acesso resguardado à agua (poço/fonte)

Terrapleno - Acto de tornar as superfícies mais planas.

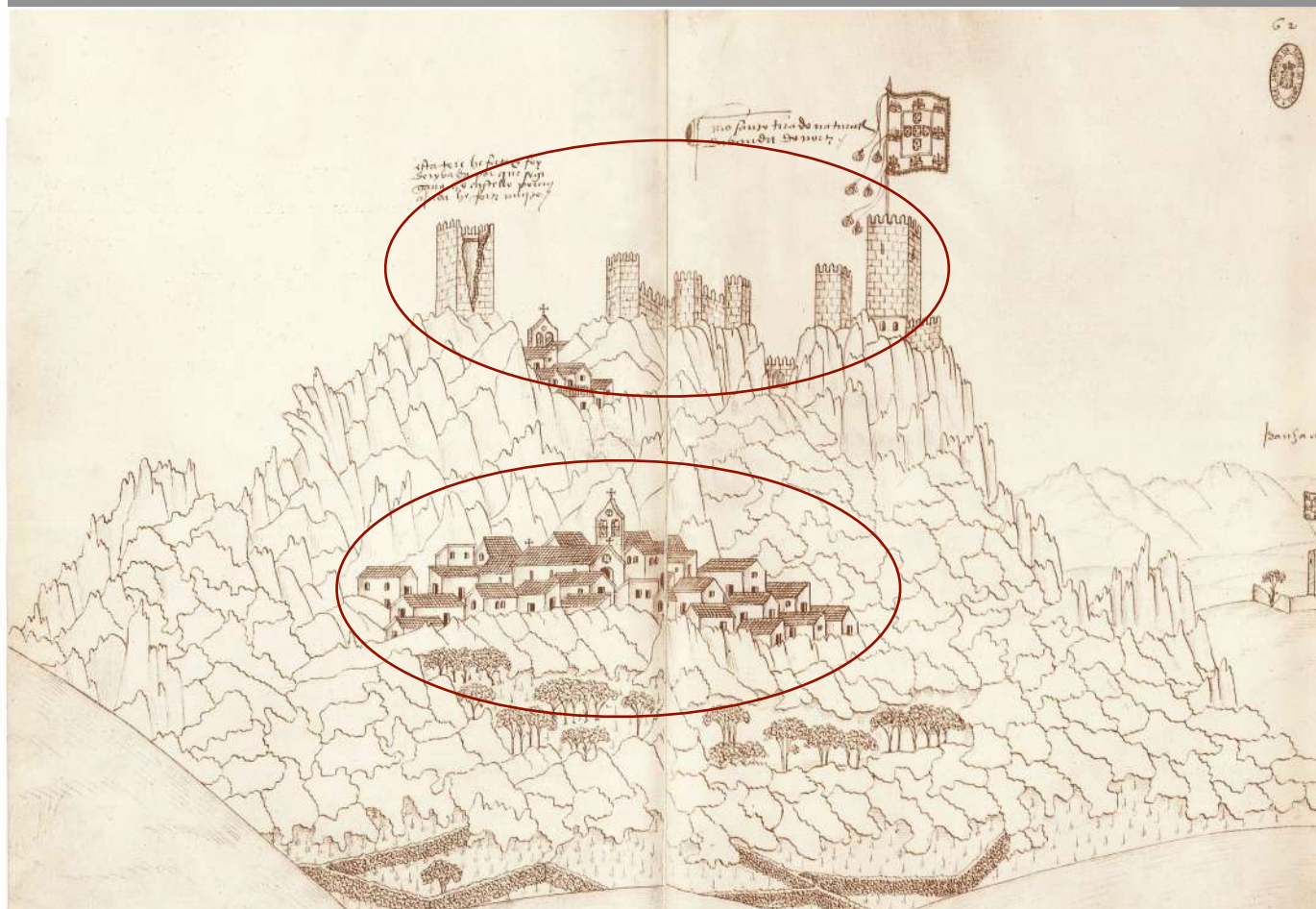
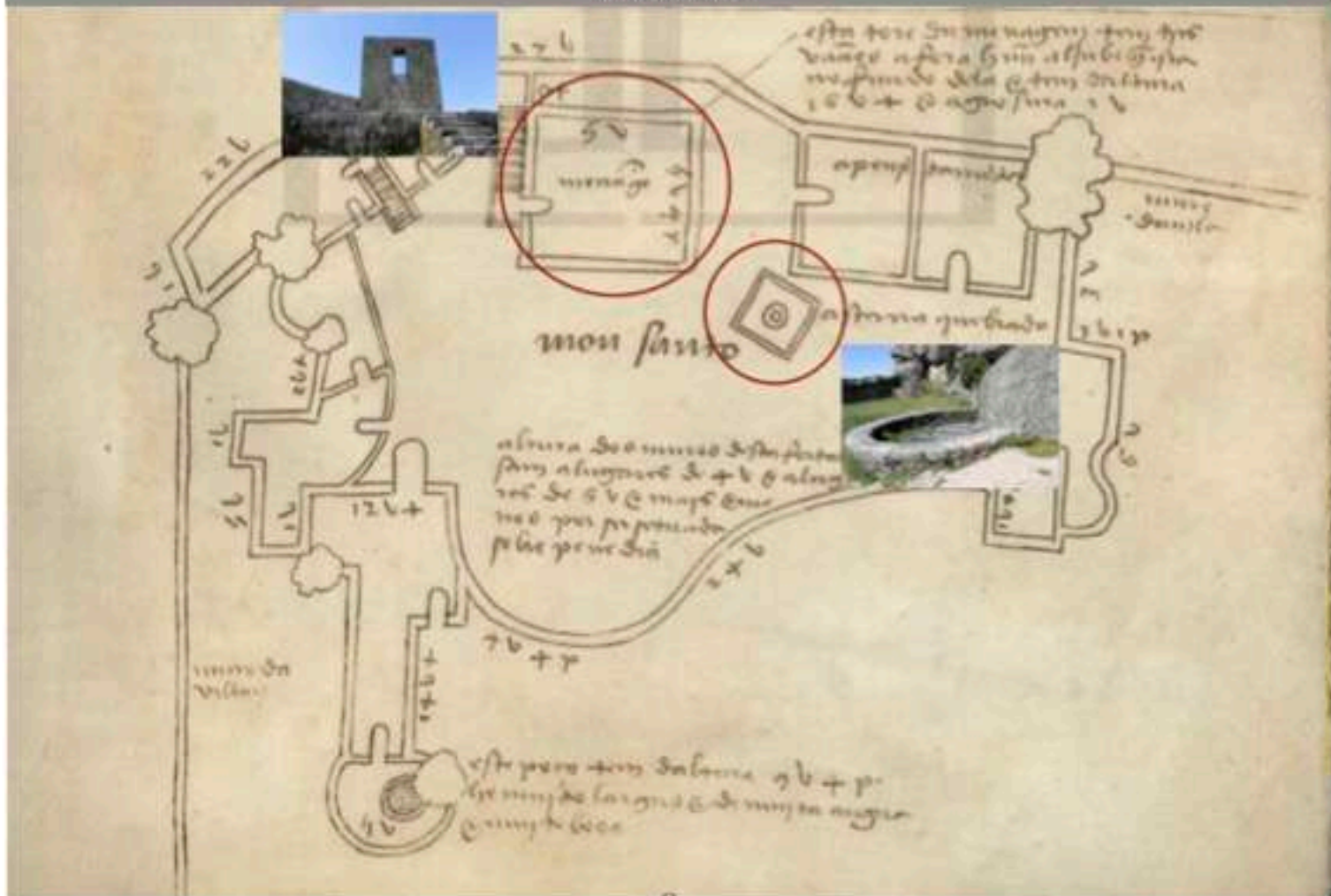
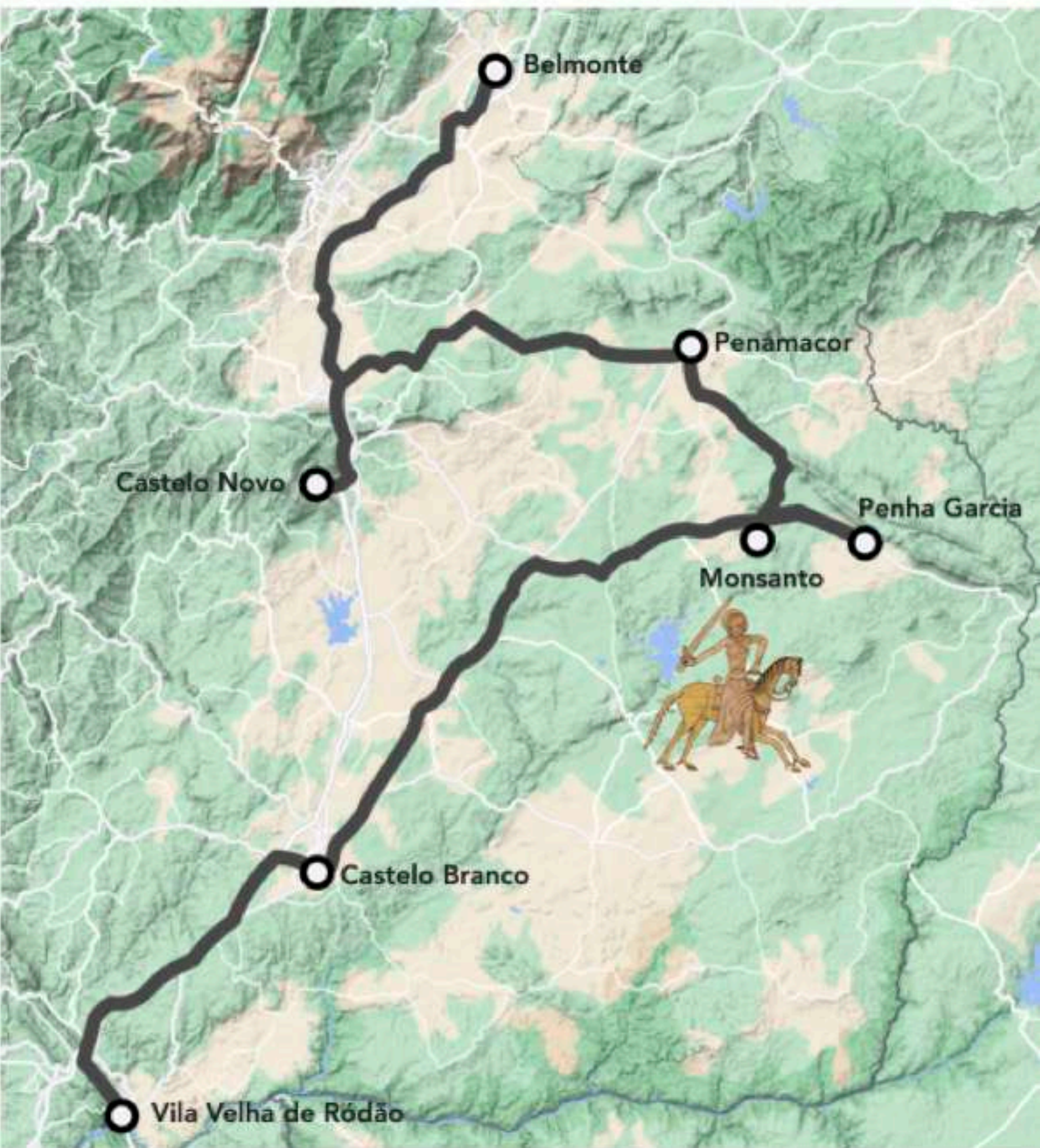
Bateria - Local de onde se disparavam peças de artilharia.

Canhoeiras - Abertura por onde disparavam os canhões

Paiol - Estrutura onde se armazenavam explosivos e munições.

Duarte de Armas - escudeiro do rei D. Manuel que, em 1509, é incumbido de desenhar os principais castelos da fronteira seca, por forma a que o rei pudesse conhecer o seu estado de conservação e, assim, a sua valia militar. Do seu trabalho resultou um Álbum com duas vistas e uma planta de cerca de 50 castelos portugueses, situados entre Castro Marim e Caminha.

500 anos de diferenças

Compare a vista que Duarte de Armas desenhou em 1509 com a atualidade. O castelo, no topo do monte, e a vila, no meio da encosta, podem servir como pontos de apoio.

Planta do castelo de Monsanto de Duarte de Armas no *"Livro das Fortalezas"* com os elementos existentes identificados

Belmonte

Penamacor

Castelo Novo

Penha Garcia

Monsanto

Castelo Branco

Vila Velha de Ródão

Castelo Branco

Localização: Rua de acesso ao castelo dos Templários (39° 49' 30° N , 7° 29' 48° W)

Acessos: Livre e gratuito. Fácil acesso de transporte automóvel e a pé. Possibilidade de acesso pela zona antiga da cidade, subindo pela Rua do Mercado, ou pelo acesso ao Hotel Meliã Castelo Branco, seguindo pela Rua da Colina do Castelo. Acessibilidade a pessoas com mobilidade reduzida. Acessos às torres e aos andares superiores por escadarias e plataformas de ferro.

Duração da visita: cerca de 20 minutos

Horário / preçário: Aberto 24 horas

Informações: Painéis de informação disponíveis.

Equipamentos integrados: Igreja de Santa Maria do Castelo, Escola Conde de Ferreira de Castelo Branco (encerrada), instalações sanitárias e mesas de merenda, parque de estacionamento.

Enquadramento: Urbano, situa-se no topo da colina da cidade (antigo Cerro da Cardosa)

Eventos e celebrações: *"Dias Templários de Castelo Branco"*. Feira medieval realizada no recinto do castelo, com performances de recriações, bancas de artesanato e tavernas. Sem data fixa.

Entidade administrativa: Município de Castelo Branco

Grau de protecção patrimonial: Sem protecção

Nota histórica: A importância dos monges guerreiros, nomeadamente os da Ordem do Templo, intensifica-se a partir do momento em que D. Teresa, mãe de D. Afonso Henriques, lhes doa o castelo de Soure em 1128. A partir deste momento, a presença dos freires cavaleiros na protecção e reconquista dos territórios aos muçulmanos é constante, ajudando no alargamento do território e na defesa do mesmo. No ano de 1165, D. Afonso Henriques (r. 1139-1169) doa o território da antiga Egitânia, actual Idanha-a-Velha e Monsanto, à Ordem do Templo. É no âmbito destas primeiras doações territoriais aos monges guerreiros que a Ordem virá a integrar no seu património, em 1189, metade de Vila Franca da Cardosa. Ao conceder foral à Herdade da Cardosa o monarca D. Afonso II (r. 1211-1223), em 1214, impõe como condição que o nome seja alterado para Castelo Branco. Esta denominação justificar-se-á a partir de *"Chastel Blanc"*, uma fortificação medieval construída pelos Cruzados na vila de Safita, na Síria. O Castelo terá sido erguido de imediato.

Entre 1229 e 1230 construiu-se o Paço dos Comendadores, no recinto do castelo, por mando de D. Simão Mendes, mestre da Ordem do Templo. Sabemos que, no decorrer da Idade Média chegou a contar com três câmaras, uma torre e duas cavalariças e, junto a ele, uma cozinha, um curral, um celeiro e uma casa para guardar a prata.
Em 1285, em visita a Castelo Branco, os reis D. Dinis (r. 1279-1325) e D. Isabel de Aragão ordenaram a construção de uma muralha capaz de albergar o crescimento da povoação, embora pareça não ter sido concretizada.

Com a extinção da Ordem do Templo, em 1312, o território de Castelo Branco foi entregue à Ordem de Cristo. É já para o período de vigência da Ordem de Cristo que temos informações seguras sobre a construção efetiva da cerca urbana: um documento em que o rei D. Afonso IV (r. 1325-1357), a pedido do mestre da Ordem, D. Frei Estevão, mandou cercar as vilas de Castelo Branco e Nisa. A muralha urbana de Castelo Branco terá, a partir de então, 7 portas. É possível que a Torre de Menagem adossada à muralha, hoje inexistente mas que podemos observar no *"Livro das Fortalezas"* de Duarte de Armas, seja também desta época. A barbacã, que também podemos observar nos desenhos de Duarte de Armas, foi provavelmente construída no séc. XV.

D. Manuel, em 1509, instituiu aí um couto de homiziados (atraindo condenados que em troca da residência viam os seus crimes perdoados, uma das formas de povoar as zonas de fronteira) e, no ano seguinte, 1510, concedeu novo foral a Castelo Branco. Terá sido por esta época que o escudeiro de D. Manuel, Duarte de Armas, visitou as fortificações da raia e as desenhou como podemos ver no *"Livro das Fortalezas"*.
Um século mais tarde, no decorrer dos 28 anos da Guerra da Restauração, durante os quais a vila chegou a ser tomada pelos espanhóis, as fortificações sofreram grandes danos. Praticamente durante todo o séc. XVIII e início do séc. XIX, Castelo Branco foi alvo de diversas invasões militares no âmbito de vários conflitos: desde a Crise Sucessória Espanhola, à Guerra dos Sete Anos e, por fim, às Invasões Francesas. Já em avançado estado de ruína, os habitantes de Castelo Branco começam a retirar pedras do castelo para reconstrução das suas habitações. Em 1867 iniciou-se a construção da Escola Conde de Ferreira no pátio do castelo, ainda hoje existente. A torre do Paço dos Comendadores, destruída por uma tempestade, foi intervencionada e reconstruída para Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais em 1940.

Bibliografia essencial: Sistema de Informação para o Património Arquitectónico http://www.monumentos.gov.pt; ARMAS, Duarte de - *Livro das Fortalezas*. Lisboa: Inapa, 1997; BOAVIDA, Carlos - *Castelo de Castelo Branco: Contributo para o estudo de uma fortificação beirã.* Dissertação de Mestrado apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2009. BARROCA, Mário Jorge - *A Ordem do Templo e a arquitectura militar portuguesa do séc. XII.* In Portvgália, Nova Série, vols. XVII-XVIII, 1996/1997; SALVADO, António, *Elementos para um Inventário Artístico do Distrito de Castelo Branco*, Castelo Branco, 1976.

Fontes iconográficas: Desenhos do *"Livro das Fortalezas"* de Duarte de Armas e fotografias do Sistema de Informação para o Património Arquitectónico, Direção Geral do Património Cultural.

Época construção inicial: séc. XIII
Formato da planta: Planta quadrangular
Materiais: Alvenaria e cantaria de granito
Adaptações (pirobalística)? Sem adaptações à pirobalística.

Torre de menagem? A Torre de Menagem não resistiu até à actualidade, mas situava-se num dos ângulos do castelo, adossada ao pano de muralha.

Poço/cisterna? A cisterna (tapada) situa-se junto à cabeceira da igreja.

Características: De acordo com Duarte de Armas, o castelo apresentava planta quadrangular e 7 torres adossadas à muralha, incluindo a Torre de Menagem. Esta, por sua vez, possuía uma planta poligonal, algo pouco frequente em Torres de Menagem. Duas das torres protegiam as portas do castelo, a porta da Vila e a porta Falsa, localizadas frente a frente. Estas portas desenvolviam-se em cotovelo por forma a dificultar a entrada do inimigo. No interior do recinto, encontra-se a Igreja de Santa Maria do Castelo e a cisterna. Do Paço dos Comendadores praticamente nada resta. O castelo dividia-se em duas partes, a religiosa e civil onde se encontrava a igreja e o adro, e a militar com o Paço dos Comendadores e a Torre de Menagem.

DESTAQUE: É o único castelo da Ordem do Templo que possui a igreja no seu interior. Localizado a 470 metros de altitude a vista sobre o território envolvente é uma das suas principais características.

Para além do Castelo, mantêm-se troços da muralha da vila de Castelo Branco, erguida no século XIV. Uma visita ao Castelo deverá, caso disponha de tempo, complementar-se com o percurso pelas muralhas.

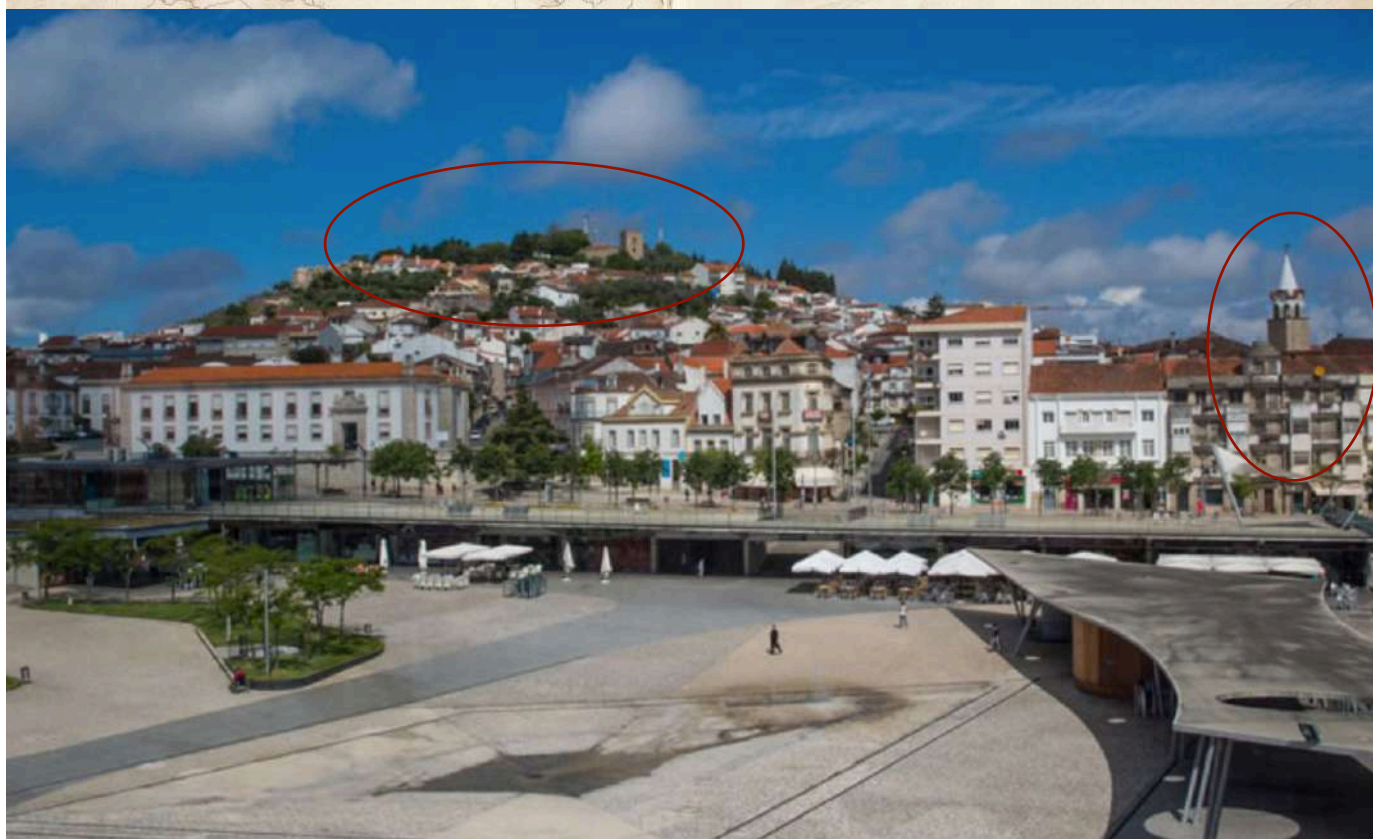
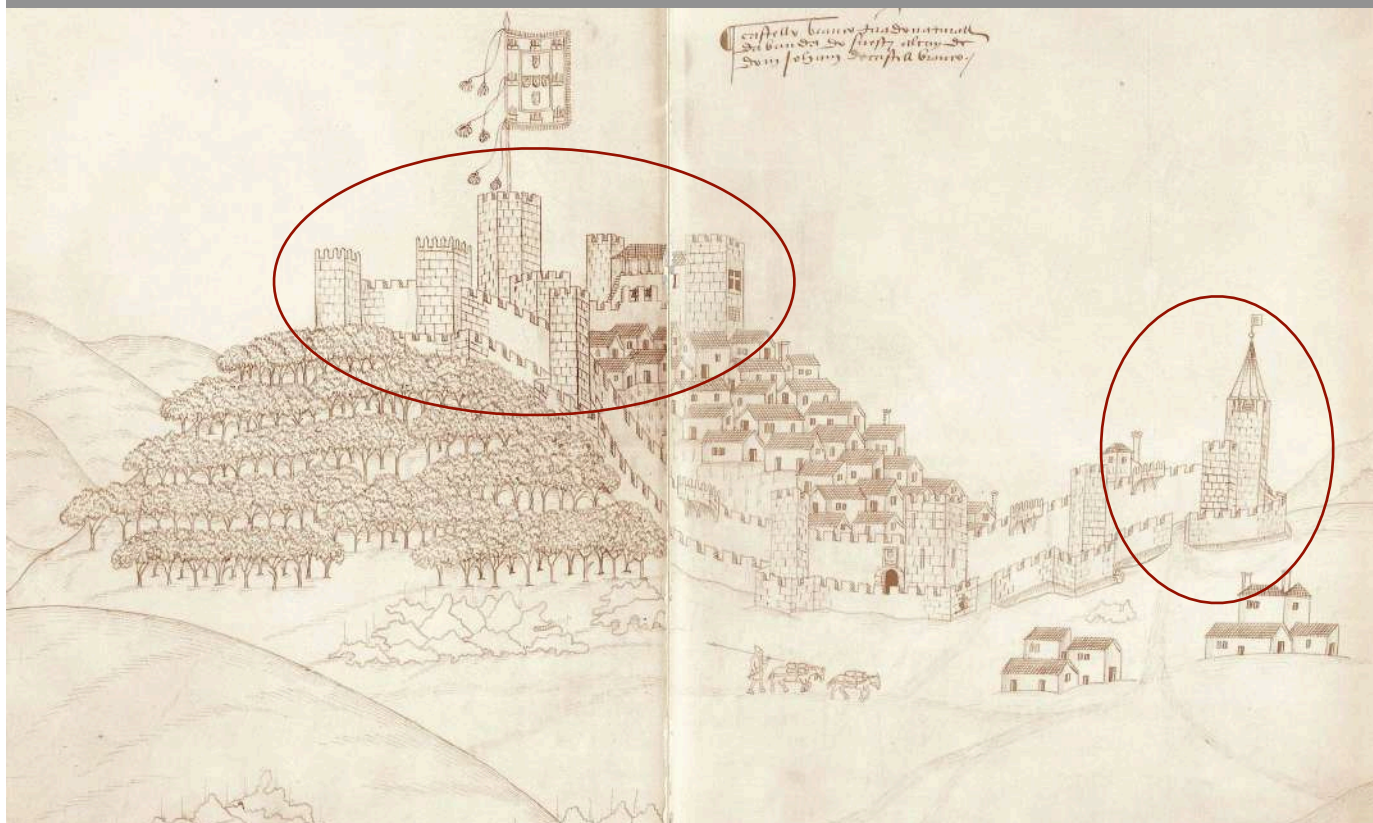
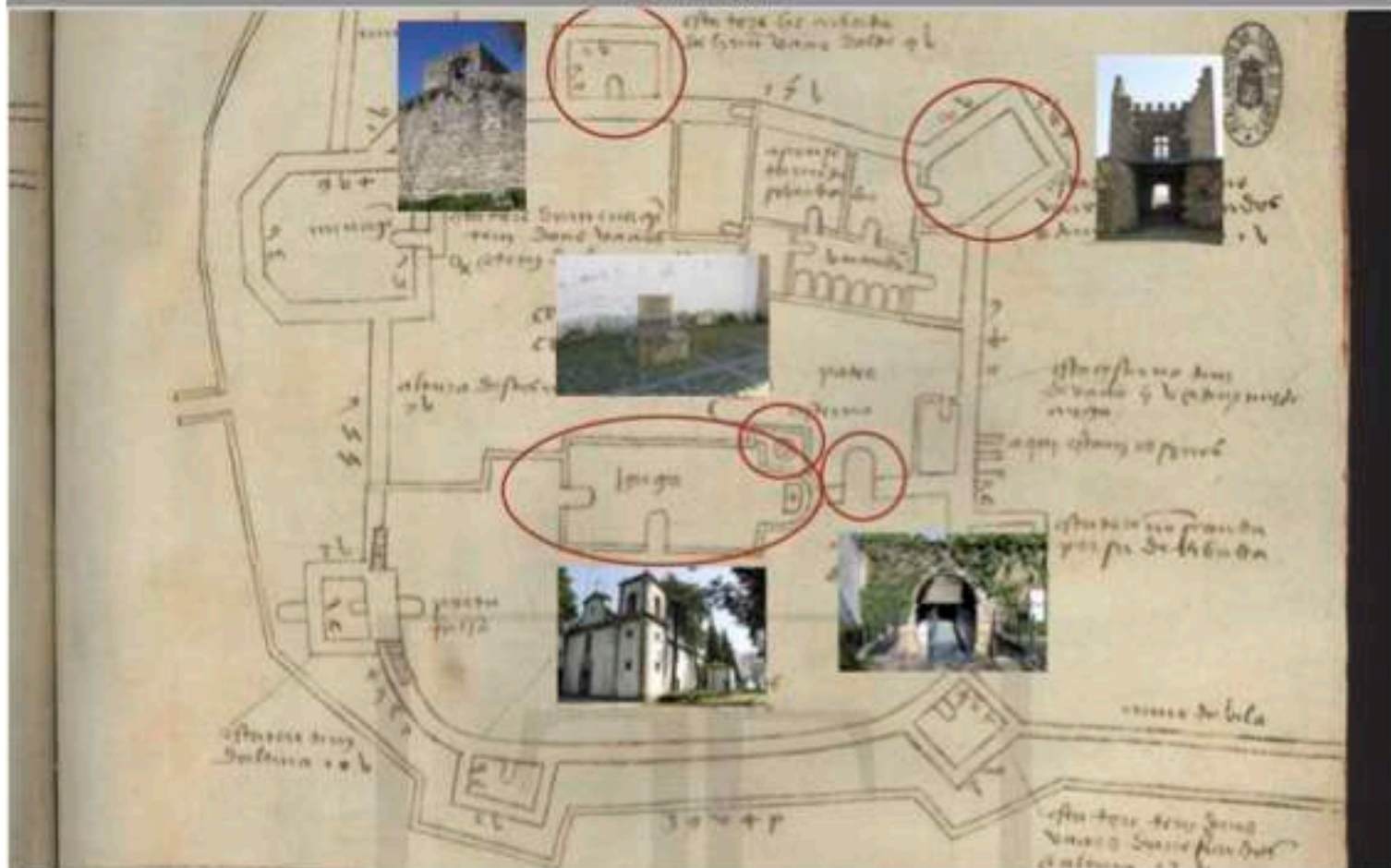
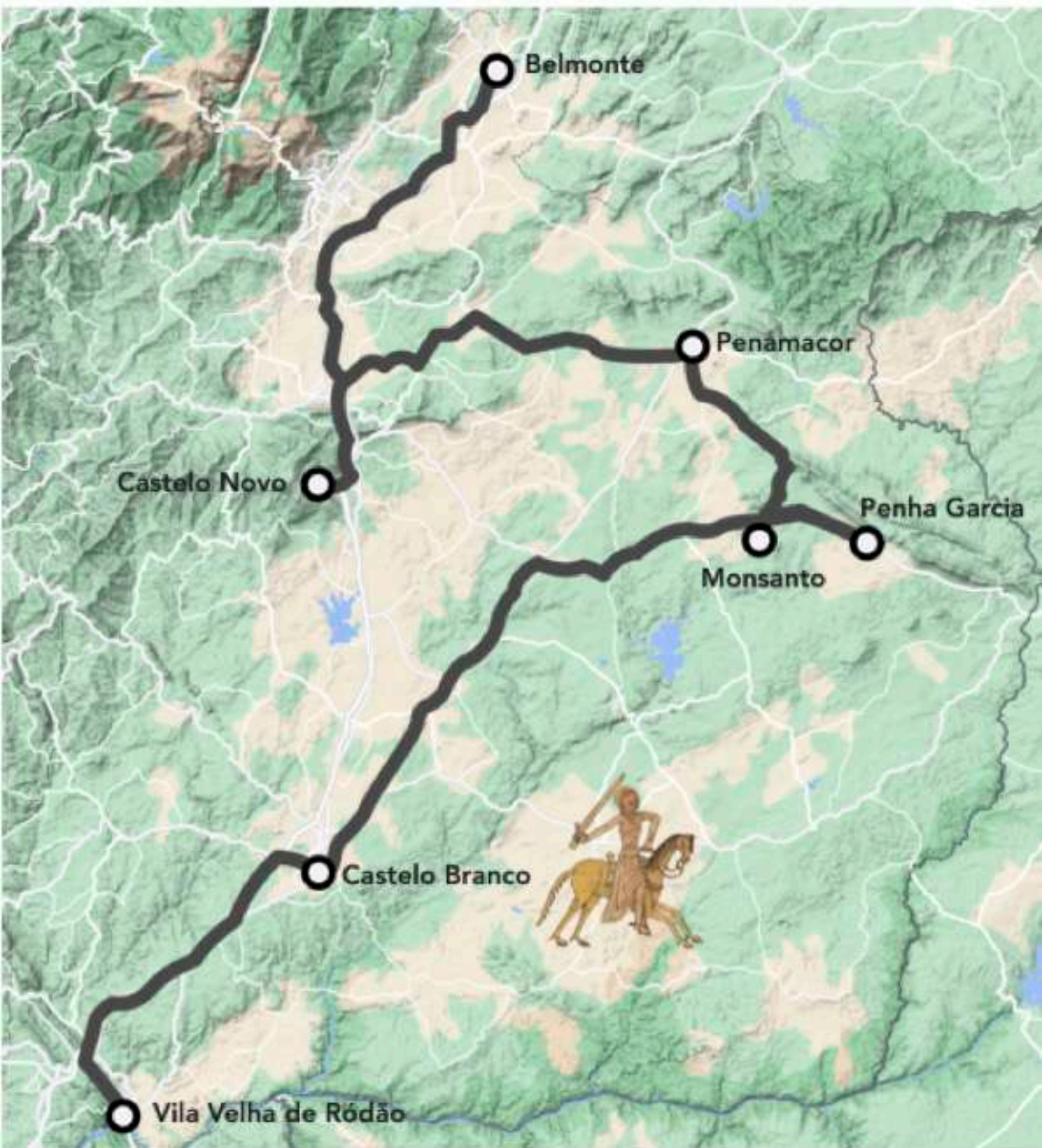
Glossário:

Carta de foral / foral - documento passado pelo monarca que estabelecia um concelho e respectiva administração, enumerando os deveres e privilégios de ambas as partes.

Barbacã - muro colocado no exterior da muralha, de menor altura que esta, com a função de primeiro obstáculo.

Duarte de Armas - escudeiro do rei D. Manuel que, em 1509, é incumbido de desenhar os principais castelos da fronteira seca, por forma a que o rei pudesse conhecer o seu estado de conservação e, assim, a sua valia militar. Do seu trabalho resultou um Álbum com duas vistas e uma planta de cerca de 50 castelos portugueses, situados entre Castro Marim e Caminha.

500 anos de diferenças

Compare a vista que Duarte de Armas desenhou em 1509 com a atualidade. O castelo, no topo da colina, e a Torre do Relógio, à direita, podem servir como pontos de apoio.

Belmonte

Penamacor

Castelo Novo

Penha Garcia

Monsanto

Castelo Branco

Vila Velha de Ródão

Castelos da Raia

Vila Velha de Ródão

Localização: Estrada secundária situada à direita no km 3 da EM 1373 em direção a Vilas Ruivas (39° 38′ 50 N, 7° 41′ 24 W)

Acessos: Livre e gratuito. Acesso de automóvel até à Capela de Nossa Senhora do Castelo e depois a pé. Acessibilidade condicionada a pessoas com mobilidade reduzida devido ao piso acidentado.

Duração da visita: cerca de 30 minutos

Horário / preçário: Aberto 24 horas

Informações: Não possui Balcão de Informações ou Centro Interpretativo ou painéis de informação.

Equipamentos integrados: Capela de Nossa Senhora do Castelo (fechada) e mesas de merenda.

Enquadramento: Rural e isolado.

Eventos e celebrações: Festas de Nossa Senhora do Castelo, realizadas no final da primeira quinzena de agosto.

Identidade administrativa: Estado Português
Grau de protecção patrimonial: IIP - Imóvel de Interesse Público (Decreto n° 45/93, DR n° 280 de 30 de novembro 1993)

Nota histórica: D. Sancho I (r. 1185-1211) doa a Herdade da Açafa (actual Vila Velha de Ródão) à Ordem do Templo em 1199 em troca das igrejas de Mogadouro e Penas Róias. Nesta época, os Templários já possuíam a Vila da Cardosa (Castelo Branco) e as terras de Idanha e Monsanto pelo que a protecção do território da raia, a norte do Tejo, dependia totalmente da Ordem. A construção do castelo, já por iniciativa dos Templários, data do século XII/XIII. No entanto, existiria uma fortificação primitiva que dá forma à lenda do Rei Wamba. Com a extinção da Ordem do Templo em 1312, todos os bens desta passam para a Ordem de Cristo, recém criada, e o castelo de Ródão não é excepção.

Sabemos que no inicio do séc. XVI o castelo encontrava-se já em mau estado conforme descrição realizada pelo capelão Frei Francisco no Tombo da Comenda de Vila Velha de Ródão.

Ainda assim voltará a ser utilizado no decorrer da Guerra dos Sete Anos, de 1756-1763, como base de artilharia para controlo e proteção da passagem do Tejo. No século seguinte, de 1807 a 1814, o castelo é ocupado pelo exército anglo-luso durante a Guerra Peninsular.

É já no séc. XXI, entre 2004 e 2006, que o castelo sofre obras de restauro e conservação.

Bibliografia essencial: Sistema de Informação para o Património Arquitectónico http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2495 (consultado a 8/04/2021); GOMES, Rita Costa - *Castelos da Raia: Beira*. Lisboa: IPPAR, 1997, vol. 1; BEJA, Humberto - *Os Castelos da Beira Histórica*. Porto: Companhia Portugueza Editora, 1922; BATISTA, Graça - *Vila Velha de Ródão Viagens do Olhar*. Vila Velha de Ródão: Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento de Vila Velha de Ródão, 2001.; SALVADO, António, *Elementos para um Inventário Artístico do Distrito de Castelo Branco*, Castelo Branco, 1976.

Época construção inicial: Séc. XII e XIII (anteriormente existiria uma atalaia)

Formato da planta: Trapezoidal irregular

Materiais: Alvenaria mista argamassada e cantaria em granito

Adaptações (pirobalística)? Sim, junto ao morro norte das Portas de Ródão encontram-se estruturas que corresponderiam a baterias ainda que se encontrem num estado avançado de degradação.

Torre de menagem? Sim, no ângulo nordeste do perímetro do castelo

Poço/cisterna? Não

Características: Só a parte norte do recinto do castelo se encontra preservada tendo ruído todo o paramento sul. No angulo nordeste subsiste a Torre de Menagem, rectangular com os ângulos reforçados por silhares. A fachada principal da Torre está voltada para as Portas de Ródão, ponto principal de vigia em detrimento do acesso por terra. A Torre possui duas portas, uma no piso térreo (aberta recentemente) e outra no primeiro piso, de origem medieval cujo acesso se fazia por escada de madeira, móvel.

No lintel da porta do piso superior está inscrita e gravada uma cruz da Ordem do Templo confirmando a pertença deste castelo à Ordem. No interior apresenta seteiras verticais simples no nível superior.

Os vestígios de estruturas que se encontram no ângulo sudoeste do recinto do castelo pertenceriam à época em que foi utilizada como base de artilharia para controlo e proteção da passagem no Tejo durante a Guerra dos Sete Anos (1756-1763).

DESTAQUE: A localização do castelo a quase 300 metros de altitude e junto ao rio Tejo, no topo do Monumento Natural das Portas de Ródão proporciona uma visibilidade extensa do território envolvente, o que tornava este castelo muito seguro.

Lenda do Rei Wamba:

Na margem norte do Rio Tejo vivia o Rei Wamba com a sua rainha, no castelo que hoje conhecemos como o castelo de Ródão. Na outra margem vivia um rei mouro que se apaixonou pela rainha do Rei Wamba. Quando este se encontrava fora, em caçadas ou batalhas, o rei mouro e a rainha cristã namoravam cada um em sua margem do Tejo. Um dia, o rei mouro conseguiu fugir com a rainha para o seu castelo.

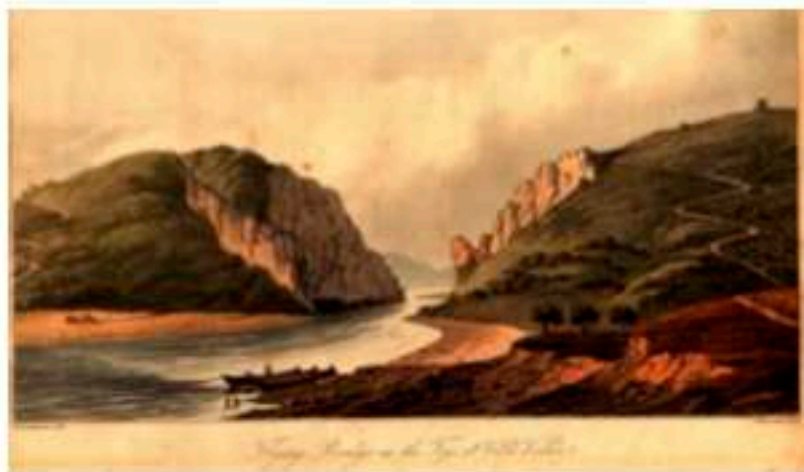
Quando o rei Wamba descobriu a traição, engendrou um plano para trazer a rainha de volta. De volta à margem norte do Rio Tejo e ao seu castelo, a rainha do Rei Wamba foi condenada pelo seu adultério e a sentença foi a de ser atada à mó de um moinho e atirada pela encosta abaixo até ao rio. Enquanto caía a rainha terá amaldiçoado as gentes daquela terra dizendo "Nesta terra não haverá cavalos de regalo, nem padres se ordenarão, nem rameiras faltarão". Por onde a rainha passou nunca mais voltou a crescer vegetação.

Glossário:

Bateria - Local de onde disparavam peças de artilharia

Torre de Menagem - Torre principal e normalmente de maiores dimensões de um castelo

Seteiras - Rasgos verticais na muralha por onde se disparavam setas

Silhares - Pedras bem aparelhadas, paralelipipedicas

Belmonte

Penamacor

Castelo Novo

Penha Garcia

Monsanto

Castelo Branco

Vila Velha de Ródão

Conclusão

O distrito de Castelo Branco deteve durante séculos uma importância militar por constituir parte da linha de fronteira terrestre, a primeira barreira de proteção do reino contra as pretensões dos reinos vizinhos. Na realidade, porém, já desde os primeiros momentos do reino de Portugal, em contexto de luta contra o Islão Peninsular, os monarcas recorreram às Ordens Militares, doando terras e castelos, para proteger e povoar estas regiões. Neste distrito, a Ordem do Templo teve especial importância visto que grande parte dos castelos estiveram na sua posse. A própria cidade de Castelo Branco, hoje capital de distrito, foi fundada pelos freires templários. Muitos dos castelos estudados apresentam inovações militares introduzidas pela Ordem do Templo como o alambor ou a torre de menagem.

Não é difícil constatar que o potencial turístico da zona interior do país excede em muito o turismo natural. Todavia, e como já foi diversas vezes sublinhado, o reconhecimento do seu valor não é ainda o suficiente. É, pois, necessário apostar-se na divulgação e promoção dos espaços patrimoniais por forma a que sejam incluídos na oferta cultural e conhecidos pelo público.

É da necessidade de criar alternativas à oferta cultural existente no distrito que surge a presente rota. A falta de informação sobre os castelos localizados nesta zona, não do ponto de vista científico mas no que concerne à disponibilização desses dados, levou a apostar na solução de uma rota *Castelos da Raia* com uma oferta direcionada para a cultura e a história. Sem paralelo para o património militar do interior de Portugal, seja nos diferentes itens que a compõem, seja na sua apresentação, esta Rota pode concretizar-se com poucos recursos e de forma quase imediata. Ancorada na mais recente bibliografia sobre o tema e as problemáticas em causa, pensada para um público alargado e definindo detalhadamente a forma e o conteúdo da informação, a rota dos *Castelos da Raia* pretende ser uma forma de aplicação prática do conhecimento adquirido no mestrado em Arte e Património da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, devolvendo, assim, à sociedade o conhecimento como mais valia.

BIBLIOGRAFIA/FONTES CONSULTADAS

ARMAS, Duarte de - *Livro das Fortalezas*. Fac-simile do MS. 159 da Casa Forte do Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Lisboa: Patrocínio da Academia Portuguesa de História; edições Inapa, 1997

BARROCA, Mário Jorge - *A Ordem do Templo e a arquitectura militar portuguesa do séc. XII*. in Portvgalia Nova Série, Vols. XVII-XVIII, 1996/1997.

BARROCA, Mário Jorge - "Arquitectura militar", *Nova História militar de Portugal*, dir. por Manuel Themudo Barata e Nuno Severiano Teixeira, Lisboa, Círculo de Leitores, 2003.

BARROCA, Mário Jorge - *Castelos Medievais Portugueses. Origens e evolução (séc. IX-XIV)* in La Fortaleza Medieval: Realidad y Símbolo, 1998.

BARROCA, Mário Jorge - *D. Dinis e a arquitectura militar portuguesa*. in Revista da Faculdade de Letras : História, 15, 1998.

BARROCA, Mário Jorge - *Do Castelo da Reconquista ao Castelo Românico (séc. IX a XII)* in Portvgalia Nova Série, Vol. XI-XII, 1990/91.

BARROCA, Mário Jorge - *O livro das fortalezas de Duarte de Armas - Contributo para uma análise comparativa dos Manuscritos de Lisboa e Madrid*. in Genius Loci: lugares e significados | places and meanings – volume 2, 2017.

BARROCA, Mário Jorge - *Os Castelos do Templários em Portugal e a organização da defesa do reino no séc. XII*. s.d.

BARROCA, Mário Jorge - *Tempos de resistência e de inovação: a arquitectura militar portuguesa no reinado de D. Manuel I (1495-1521)*. in Portvgalia Nova Série, Vol. XXIV, 2003.

BATISTA, Graça - *Vila Velha de Ródão Viagens do Olhar.* Vila Velha de Ródão: Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento de Vila Velha de Ródão, 2001

BEJA, Humberto - *Os Castelos da Beira Histórica.* Porto: Companhia Portugueza Editora, 1922

BOAVIDA, Carlos - *Castelo de Castelo Branco: Contributo para o estudo de uma fortificação beirã.* Dissertação de Mestrado apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2009

CASTELO BRANCO, Manuel da Silva - *Duarte de Armas, Livro das Fortalezas.* Fac-simile do Ms. 159 da Casa Forte do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, com Introdução e Notas de Manuel da Silva Castelo Branco. 1990 Lisboa: INAPA/ANTT (2a ed., 1997; 3a ed., 2006).

CORREIA, Luís Miguel - *Castelos em Portugal: Retrato do seu perfil arquitectónico [1509-1949]*, Coimbra, 2009 (tese de mestrado).

DIAS, João José Alves - *Duarte de Armas, Livro das Fortalezas, Ed. de João José Alves Dias*. Lisboa: Caleidoscópio/Academia Internacional de Cenografia. 2016.

GOMES, Rita Costa - *Castelos da Raia: Beira*. Lisboa: IPPAR, 1997, vol. 1

MARQUES, Manuel - *Concelho de Belmonte - Memória e História*, Belmonte, 2001

MARQUES, Manuel - *Subsídios para uma Monografia da Vila de Belmonte*, Belmonte, s.d

MILHEIRO, Maria Manuela de Campos - *Monsanto: História e Arqueologia*, Dissertação de Licenciatura, Faculdade de Letras do Porto, 1982

MONTEIRO, João Gouveia - *Os Castelos Portugueses dos finais da Idade Média*, Presença, perfil, conservação, vigilância e comando, Lisboa, Colibri, 1999.

Publicação Estatísticas da Cultura de 2019, p. 100

SALVADO, António - *Elementos para um Inventário Artístico do Distrito de Castelo Branco*, Castelo Branco, 1976.

TRINDADE, Luísa - *Desenho: discurso e instrumento. in ROSSA, Walter; RIBEIRO, Margarida Calafate (coord.) - Patrimónios de Influência Portuguesa: modos de olhar.* Coimbra, Lisboa, Niterói: Imprensa da Universidade de Coimbra, Fundação Calouste Gulbenkian e Editora da Universidade Federal Fluminense, 2015.

TRINDADE, Luísa - *Urbanismo na composição de Portugal*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. 2013.

WEBGRAFIA

Alto Minho - Rota dos castelos e fortalezas [consultado a 20 de setembro de 2021] Disponível em https://www.altominho.pt/pt/visitar/experi%C3%AAncias/rotas-culturais/rota-dos-castelos-e-fortalezas/

Castelos e muralhas do Mondego [consultado a 20 de setembro de 2021] Disponível em https://www.castelosemuralhasdomondego.pt/website/index.php

Geopark Naturtejo da Meseta Meridional [consultado a 24 de setembro de 2021] Disponível em https://www.naturtejo.com/conteudo.php?id=19

Jornal Público. *Cultura dá um salto de 80,1 milhões mas mantém-se residual no orçamento* (2021) [consultado a 24 de setembro de 2021] Disponível em publico.pt/2021/10/12/culturaipsilon/noticia/cultura-salto-801-milhoes-mantemse-residual-orcamento-1980715

Parque Icnológico de Penha Garcia [consultado a 24 de setembro de 2021] Disponível em https://www.naturtejo.com/ficheiros/conteudos/files/parque-icnologico-penha-garcia.pdf

Parque Natural do Barrocal [consultado a 24 de setembro de 2021] Disponível em https://barrocal-parque.pt/o-barrocal.html

Parque Natural do Tejo Internacional [consultado a 24 de setembro de 2021] Disponível em https://natural.pt/protected-areas/parque-natural-tejo-internacional?locale=pt

Reserva Natural da Serra da Malcata [consultado a 24 de setembro de 2021] Disponível em https://natural.pt/protected-areas/reserva-natural-serra-malcata?locale=pt

Rota dos castelos [consultado a 20 de setembro de 2021] Disponível em https://www.visiteserradaestrela.pt/pt/itineraries/culture-history/rota-dos-castelos

Rota dos castelos e aldeias históricas na Serra da Estrela [consultado a 20 de setembro de 2021] Disponível em https://turismodocentro.pt/roteiro/rota-dos-castelos-e-aldeias-historicas-na-serra-da-estrela/

Rota dos castelos e fortalezas do Oeste [consultado a 20 de setembro de 2021] Disponível em https://turismodocentro.pt/roteiro/rota-dos-castelos-e-fortalezas-do-oeste/

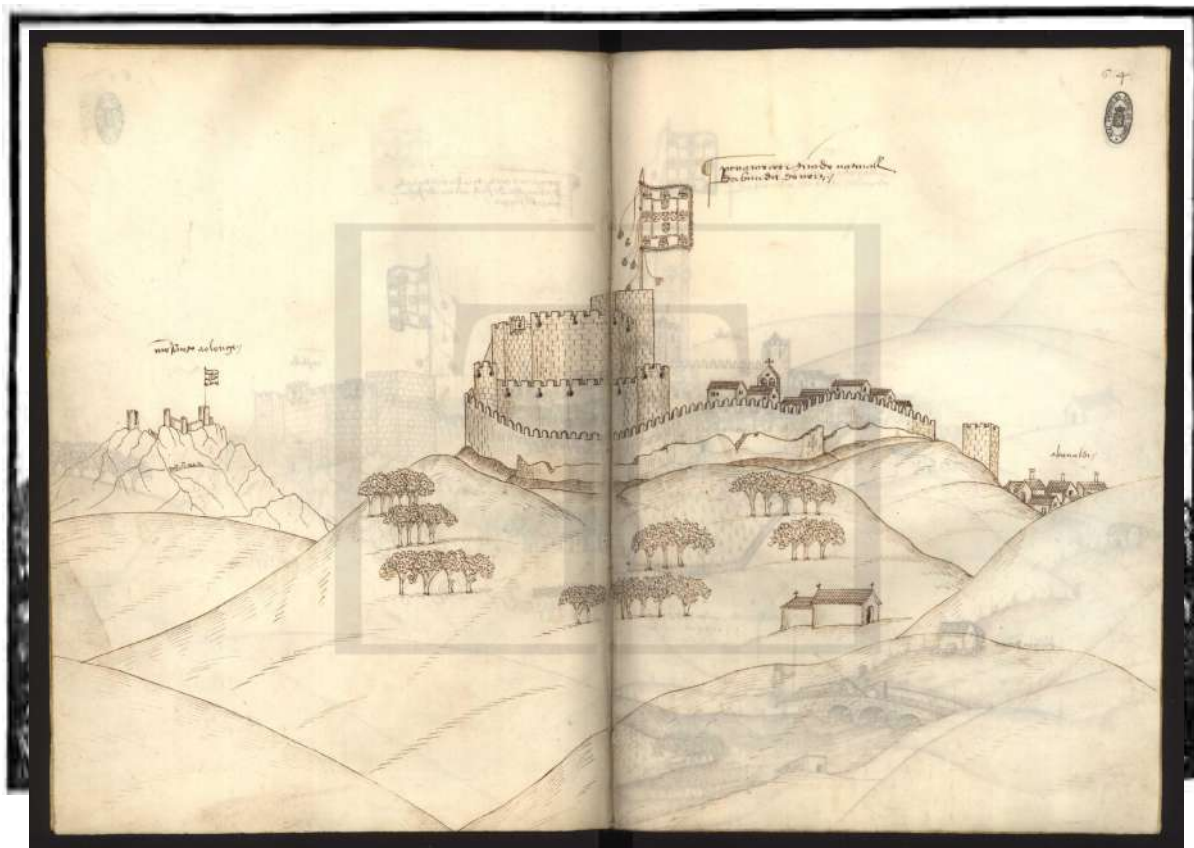
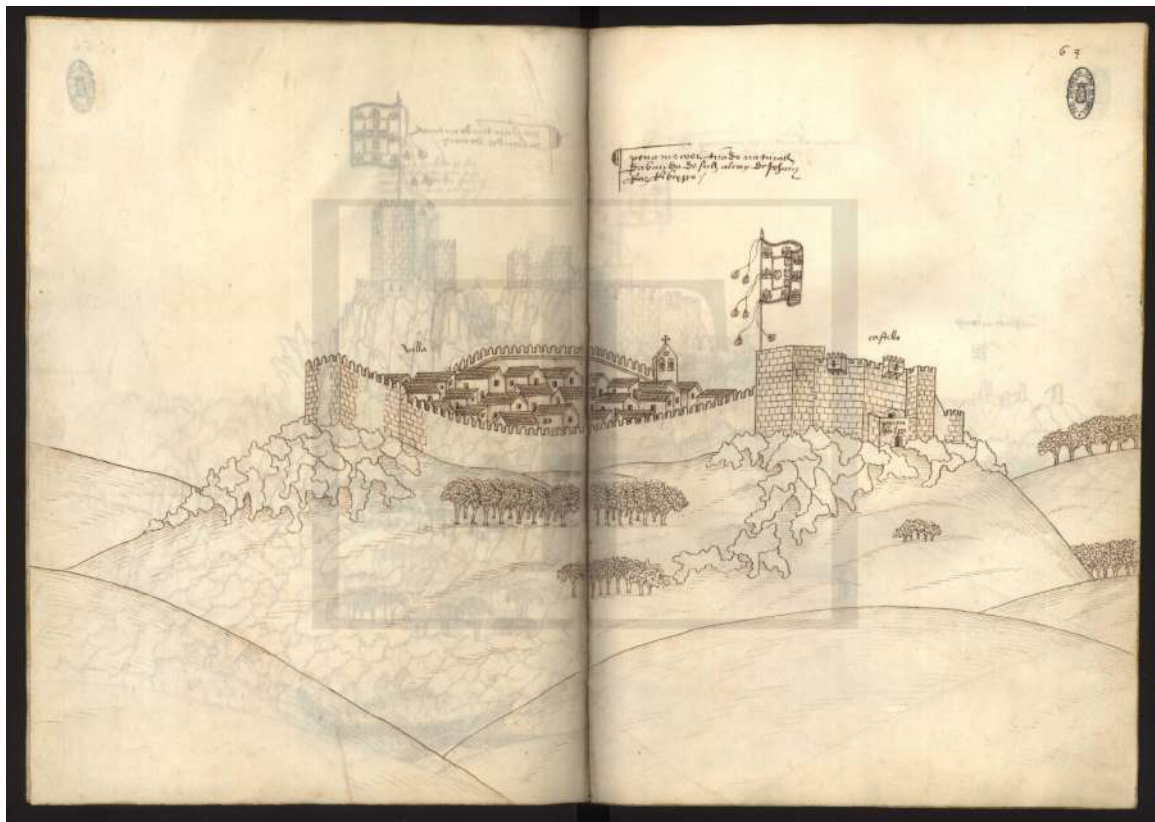
Roteiro castelos do Alentejo [consultado a 20 de setembro de 2021] Disponível em https://www.visitevora.net/roteiro-castelos-alentejo-tour/

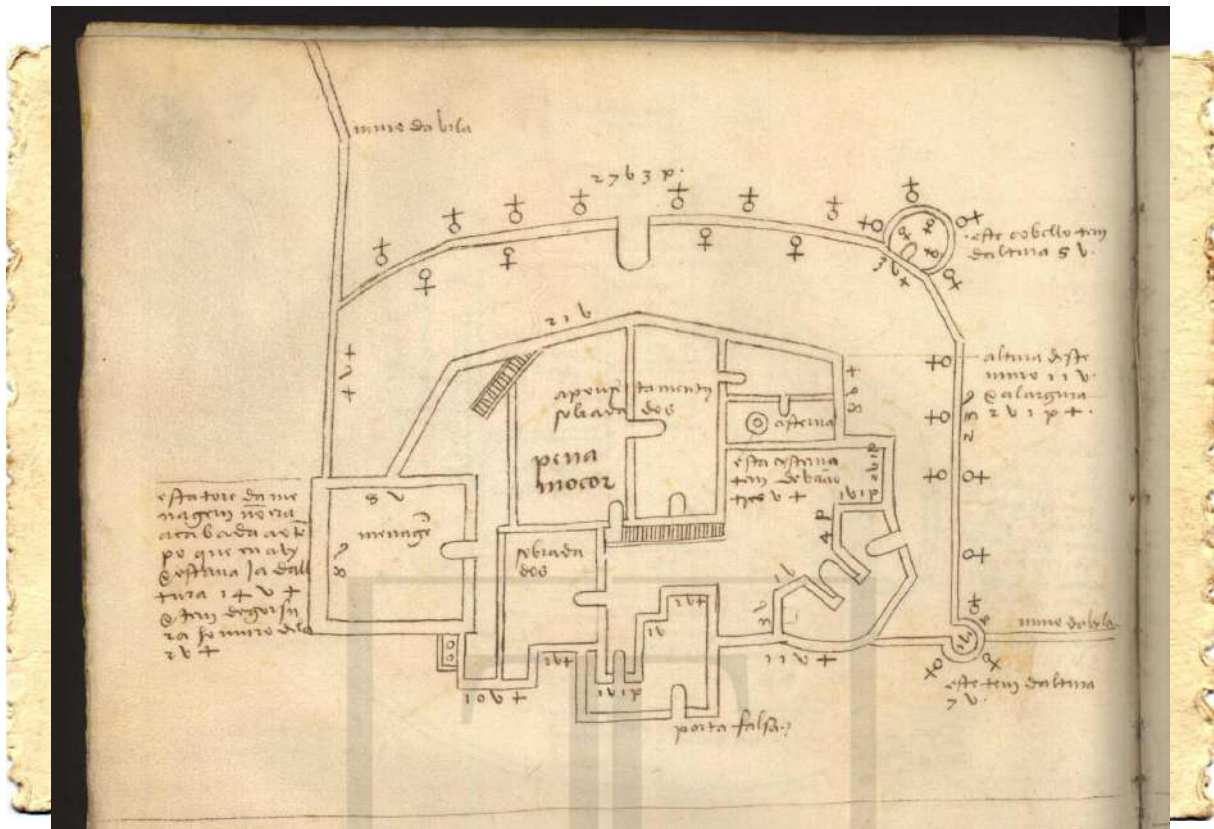
UNESCO em Portugal [consultado a 18 de setembro de 2021] Disponível em https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/a-unesco/sobre-a-unesco

ANEXO

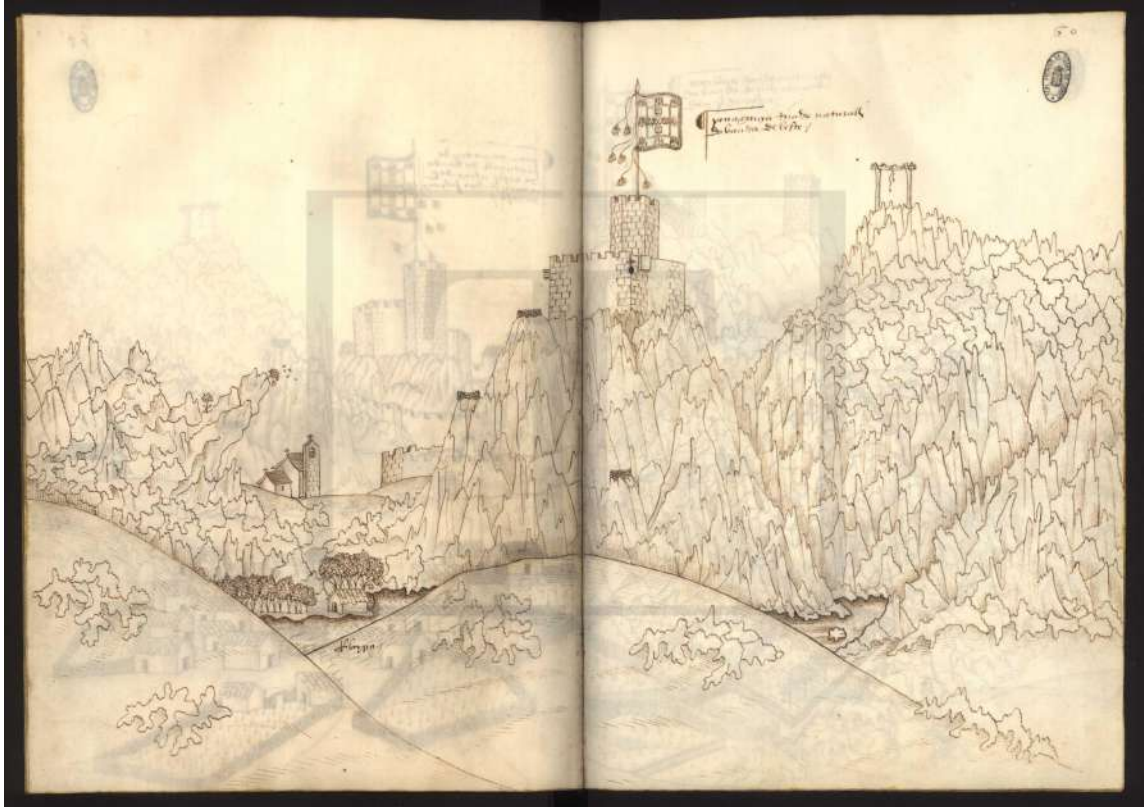
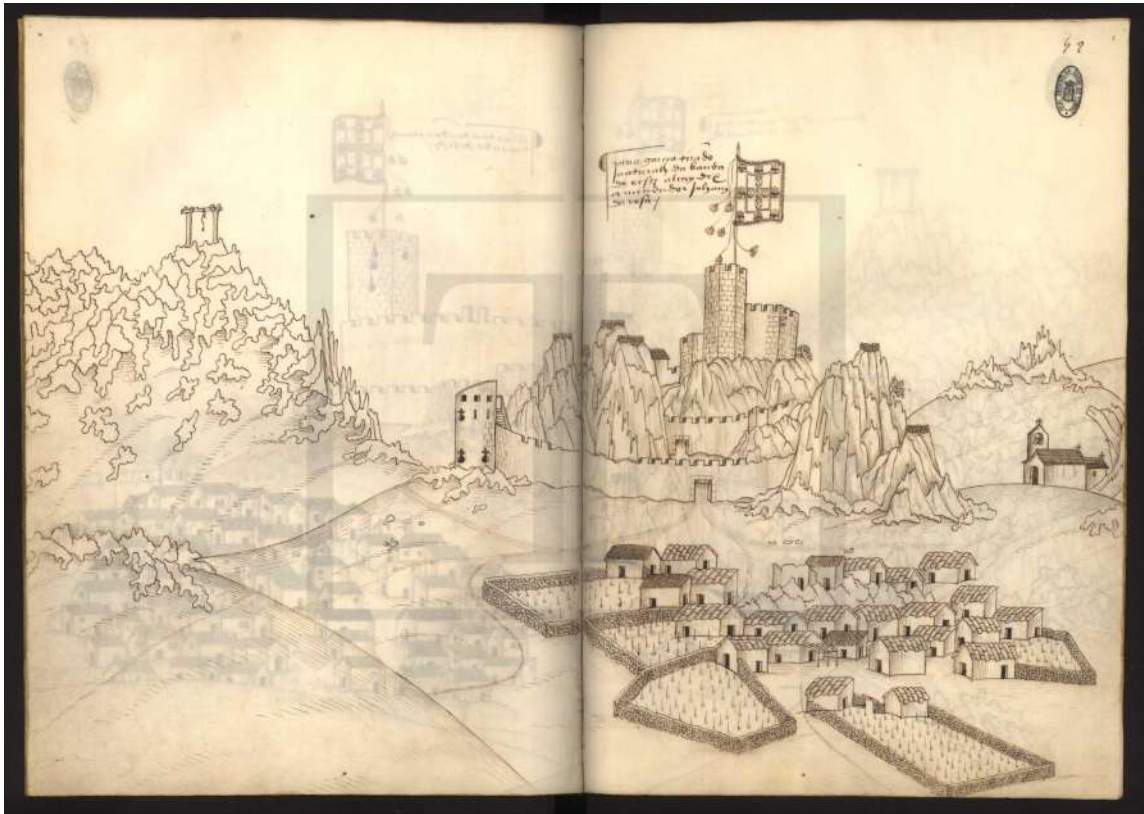
Todos as fotografias compreendidas neste projeto são da autoria de Catarina Mateus (autora) à excepção das seguintes:

Vista aérea do castelo de Belmonte (fonte: Google Earth)

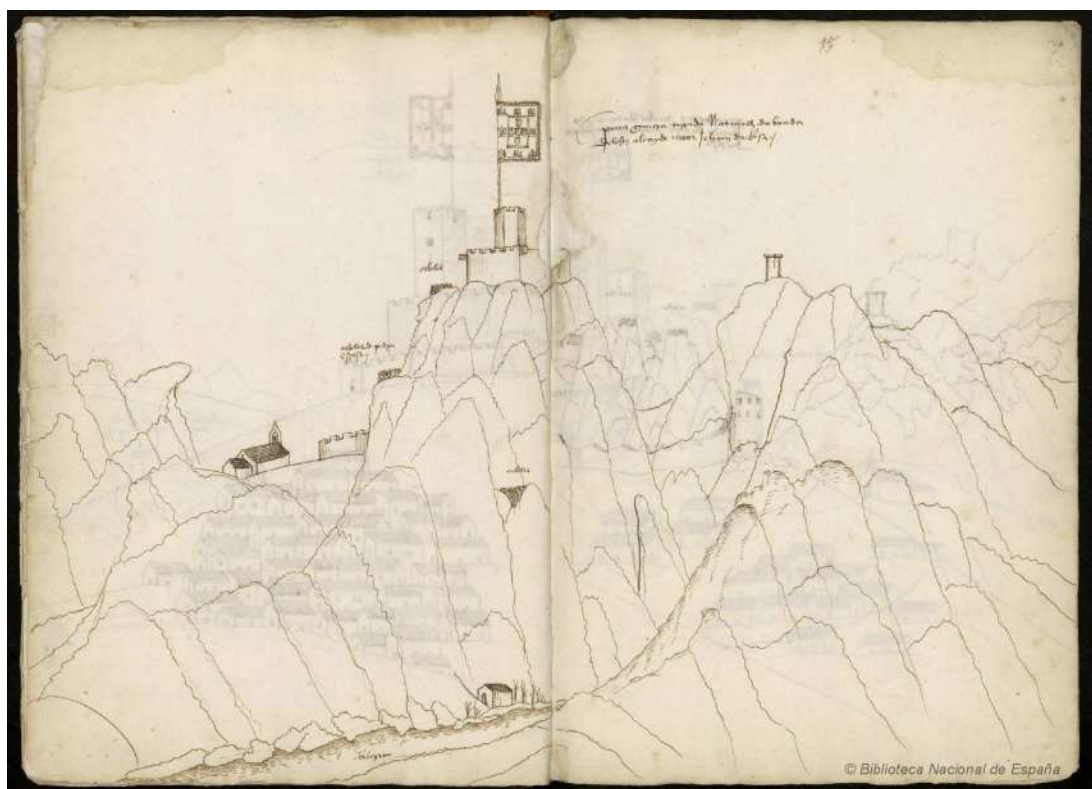
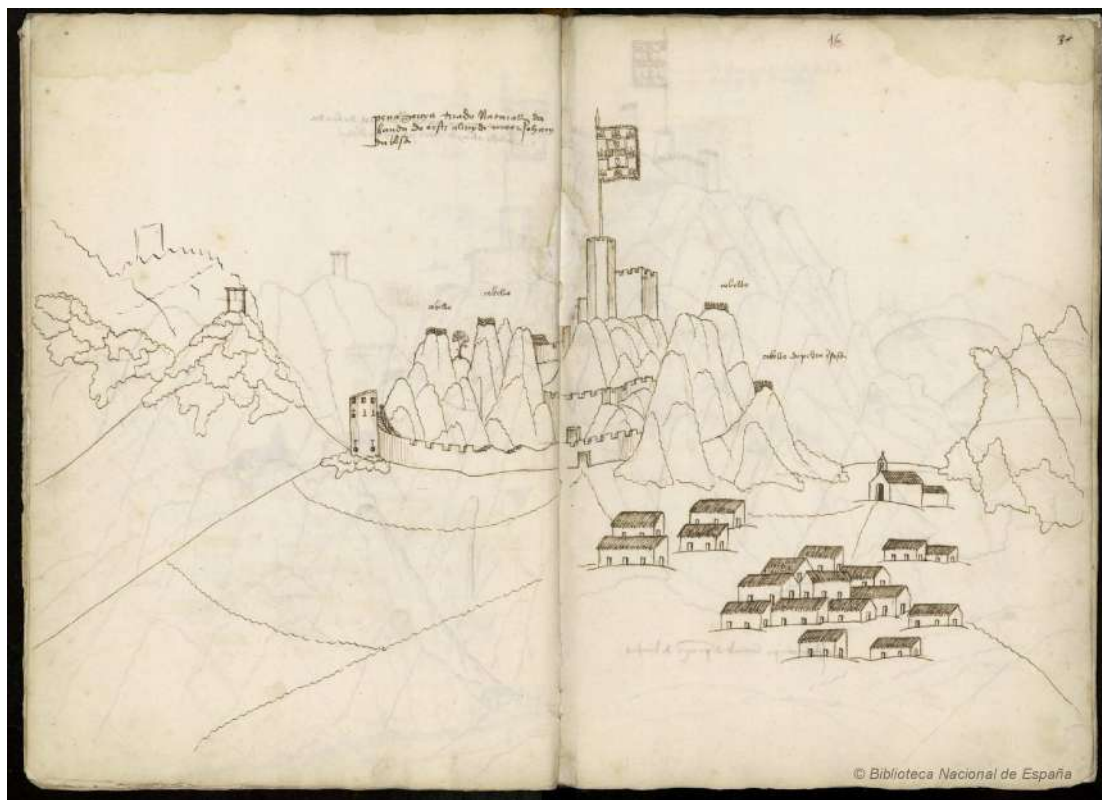
Postal do interior do castelo de Belmonte, circulado em 1939 (autor desconhecido)

Castelo de Belmonte, gravura de Alfredo Roque Gameiro, 1921

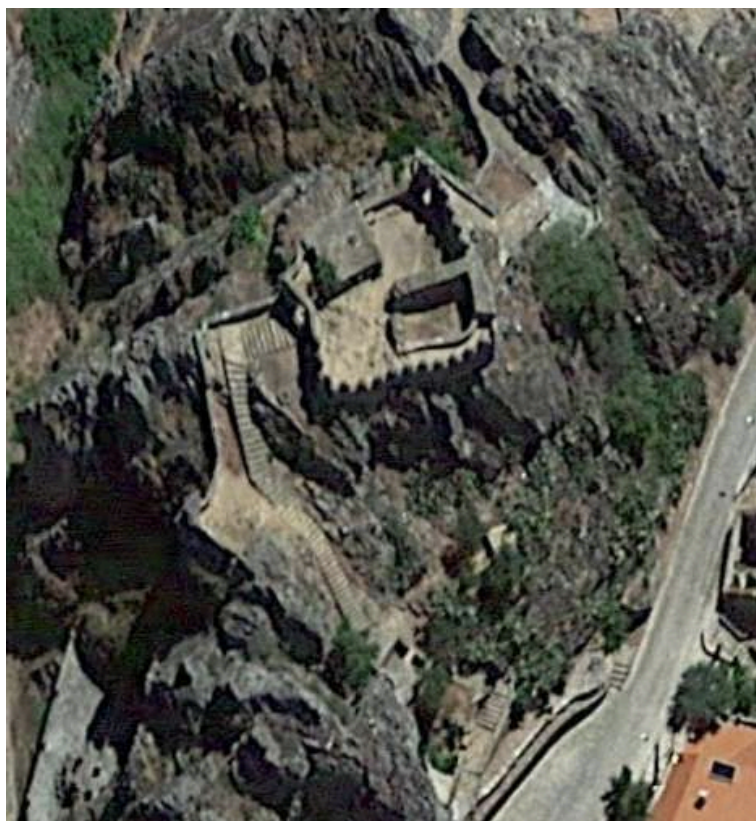
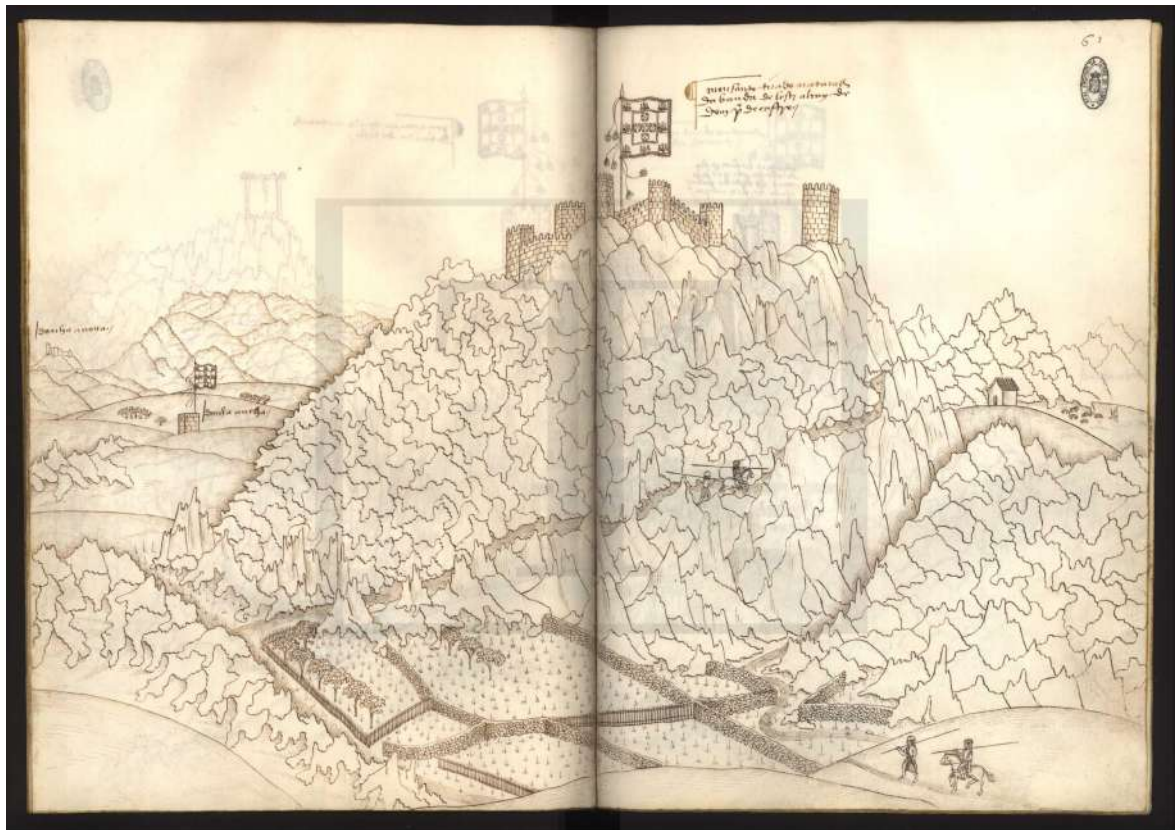
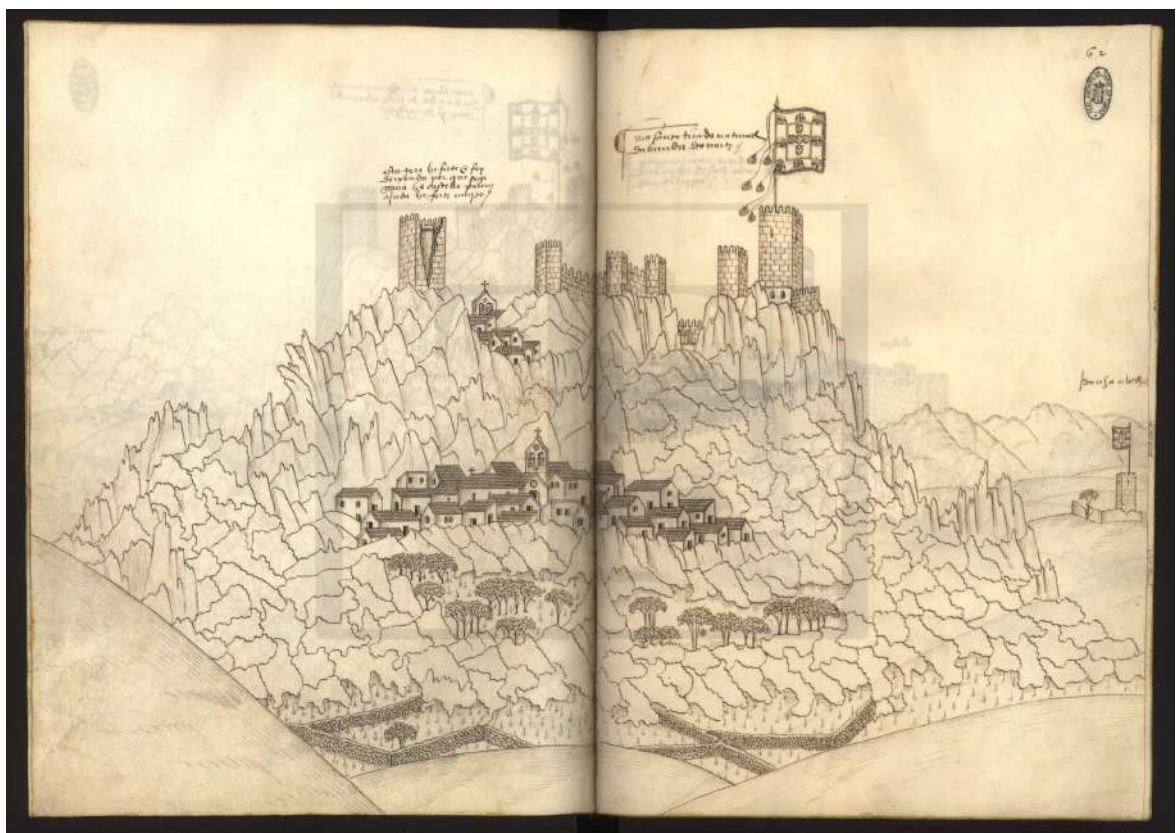
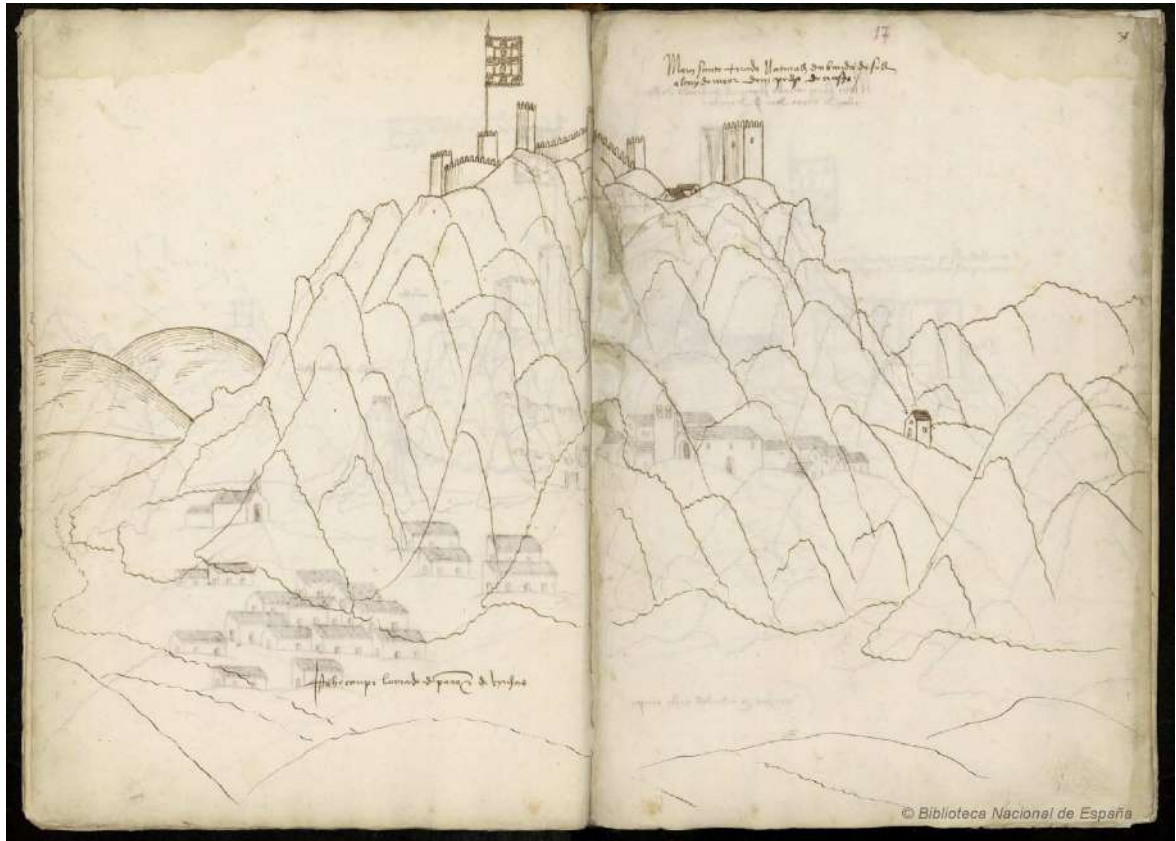
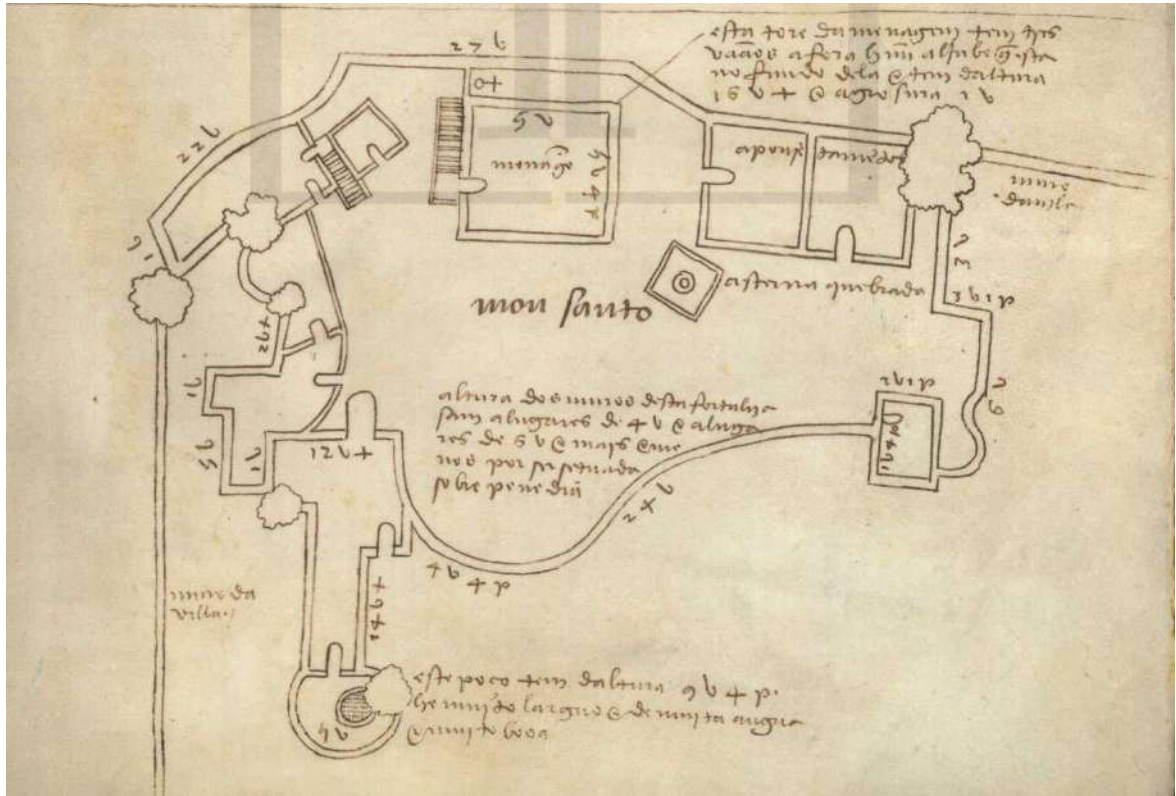
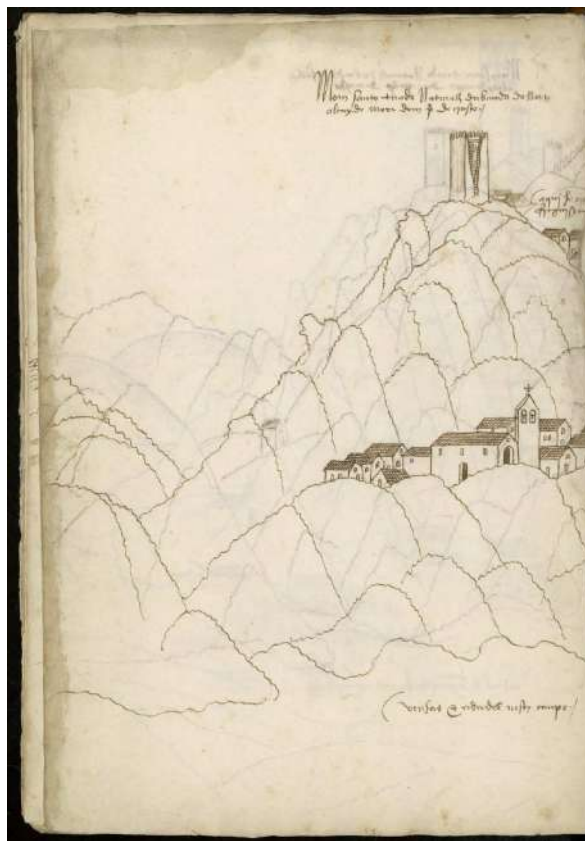
Bilhete Postal ilustrado do Castelo de Belmonte, 1938 (autor desconhecido)

Vista aérea do castelo de Castelo Novo (fonte: Google Earth)

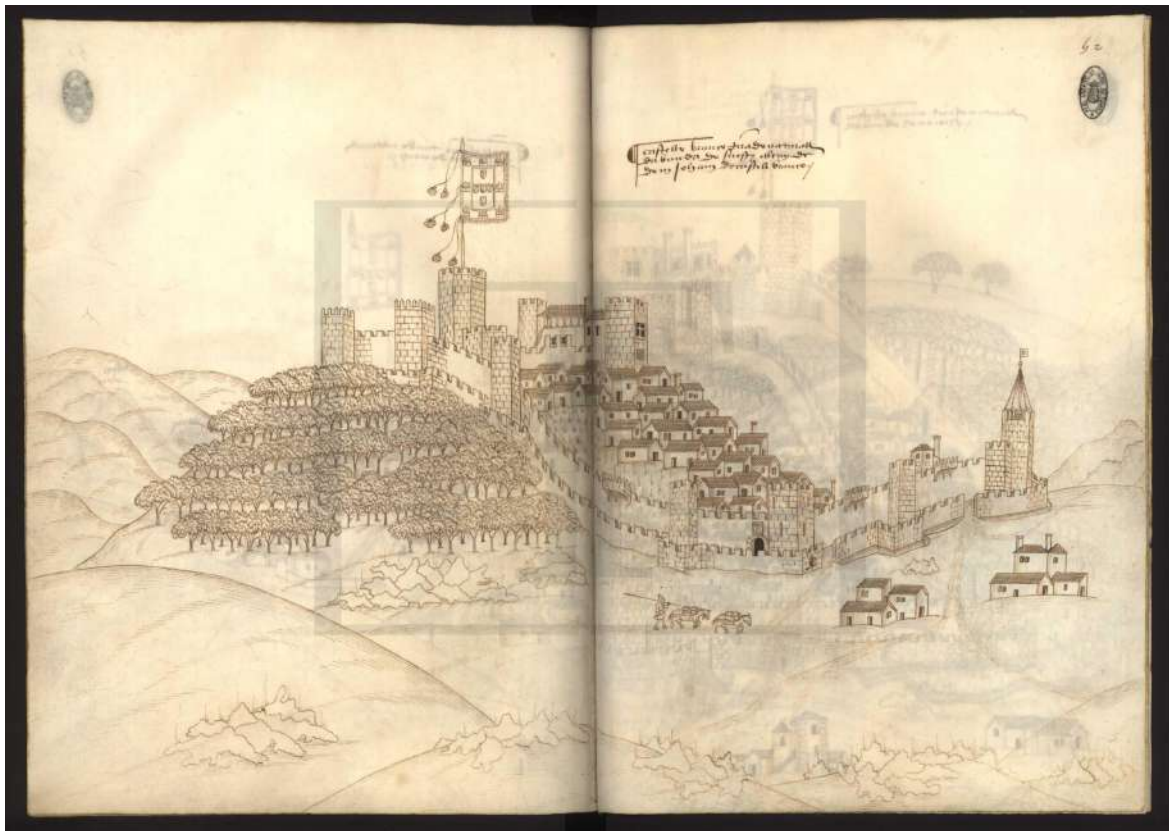
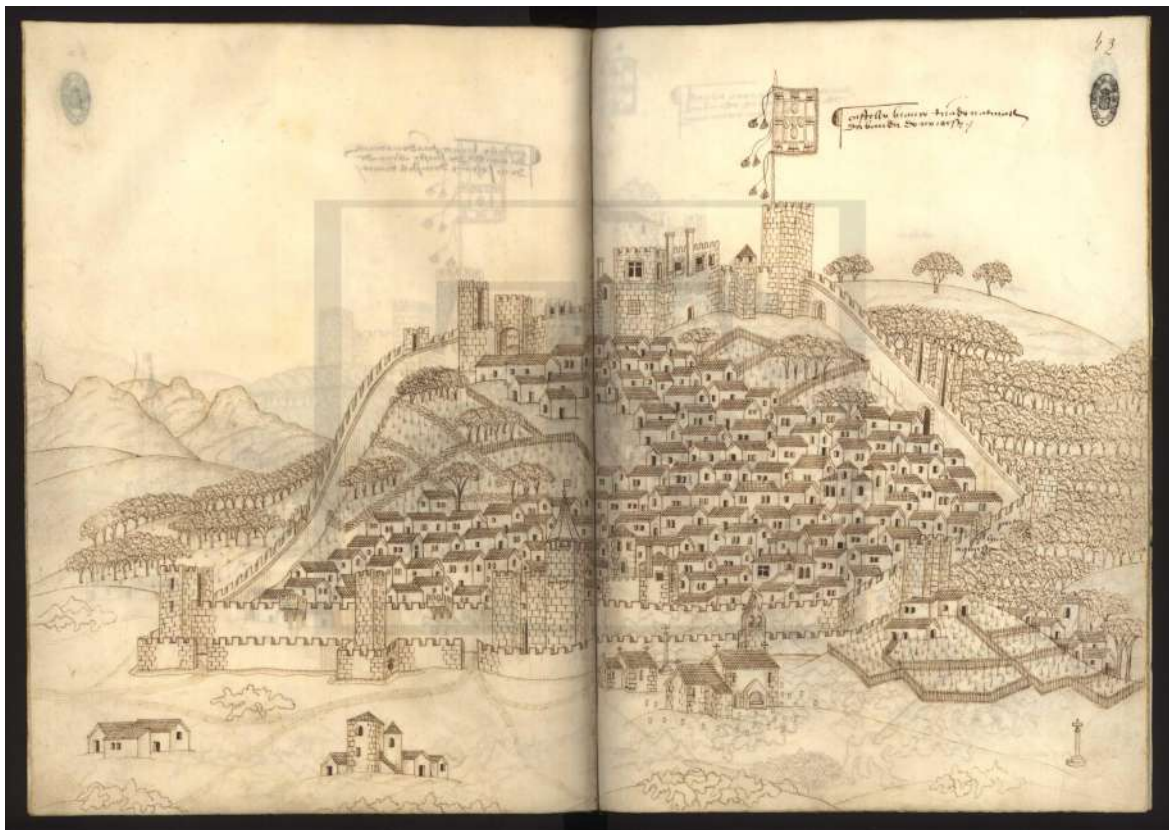
Desenho de Duarte de Armas no “Livro das Fortalezas” do castelo e vila de Penamacor (vista sul) - Manuscrito de Lisboa (fonte: https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=3909707)
Desenho de Duarte de Armas no “Livro das Fortalezas” do castelo e vila de Penamacor (vista norte) - Manuscrito de Lisboa (fonte: https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=3909707)
Planta do castelo de Penamacor por Duarte de Armas no “Livro das Fortalezas” - Manuscrito de Lisboa (fonte: https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=3909707)

Vista geral de Penamacor (fonte: https://www.vagamundos.pt/visitar-penamacor-vila-madeiro/)

Vista aérea do castelo de Penamacor (via Google Earth)

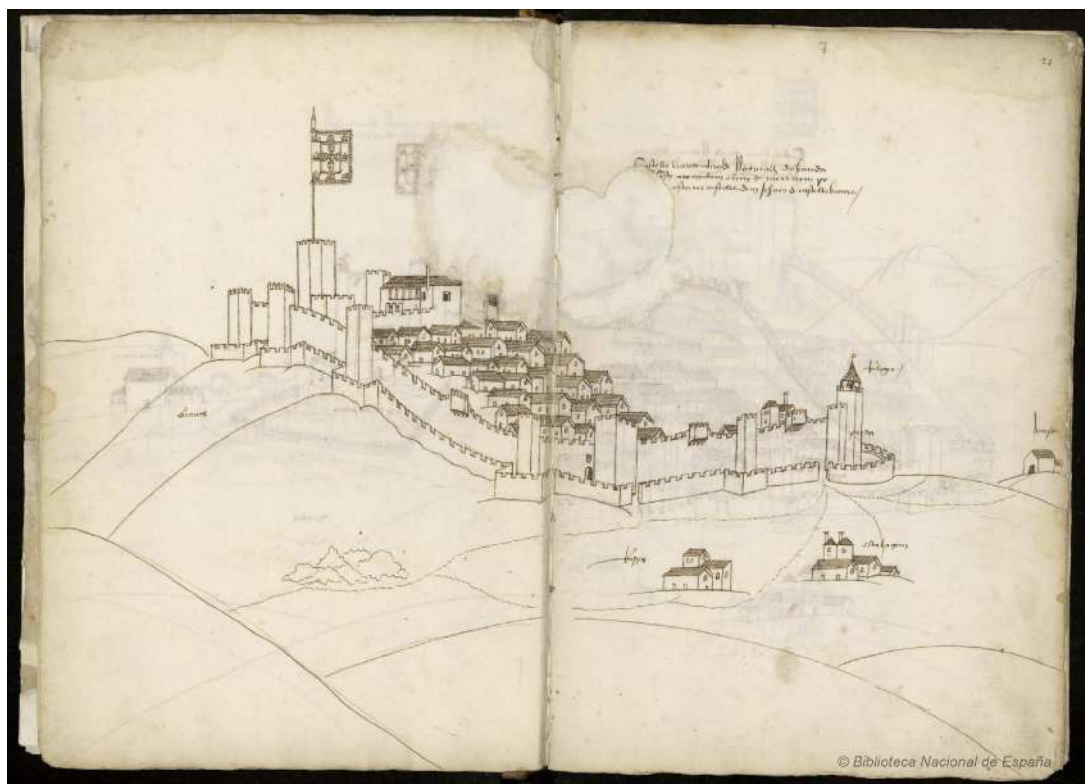
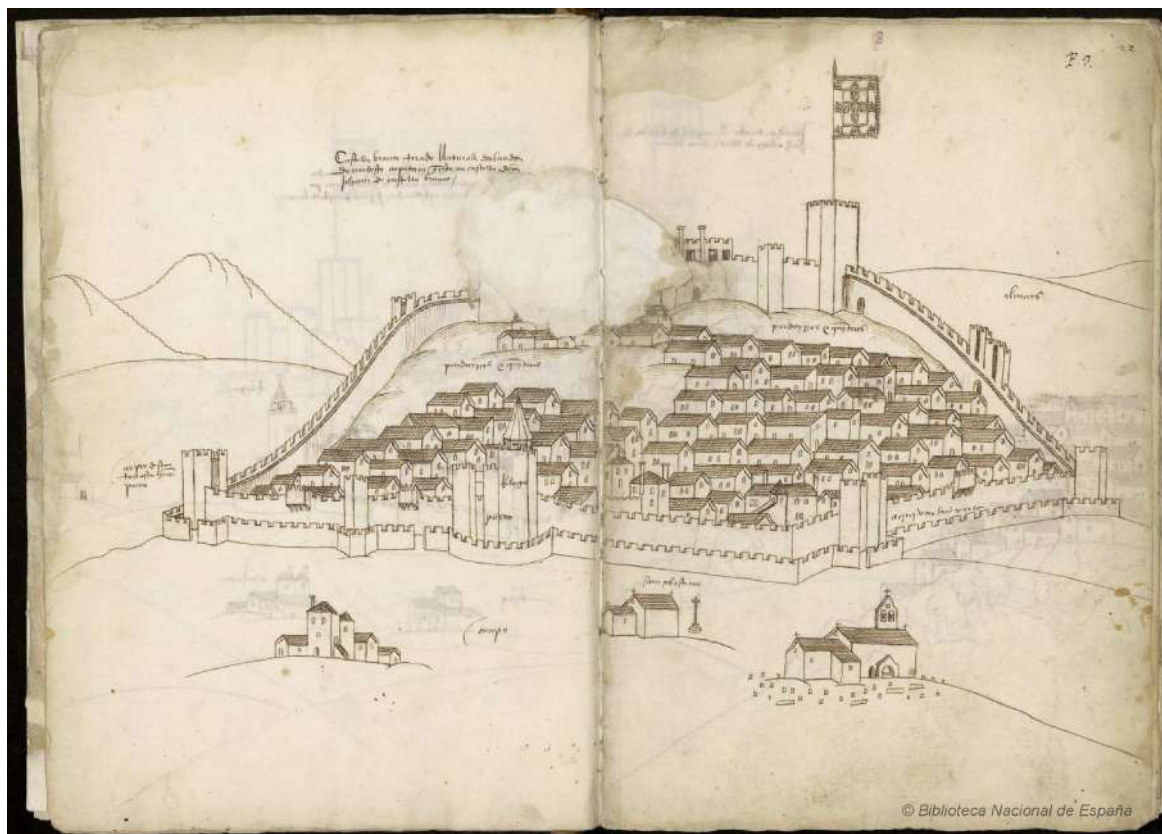
Pena macor, gravado por C. Turner, 1811

Desenho de Duarte de Armas no "Livro das Fortalezas" do castelo e vila de Penha Garcia (vista oeste) - Manuscrito de Lisboa (fonte: https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=3909707)

Desenho de Duarte de Armas no "Livro das Fortalezas" do castelo e vila de Penha Garcia (vista leste) - Manuscrito de Lisboa (fonte: https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=3909707)

Planta do castelo de Penha Garcia por Duarte de Armas no “Livro das Fortalezas” - Manuscrito de Lisboa (fonte: https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=3909707)

Desenho de Duarte de Armas no “Livro das Fortalezas” do castelo de Penha Garcia (primeira vista) - Manuscrito de Madrid (fonte: http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000096106&page=1)

Desenho de Duarte de Armas no *"Livro das Fortalezas"* do castelo de Penha Garcia (segunda vista) - Manuscrito de Madrid (fonte: http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000096106&page=1)

Vista aérea do castelo de Penha Garcia (fonte: Google Earth)

Desenho de Duarte de Armas no “Livro das Fortalezas” do castelo e vila de Monsanto (vista leste) - Manuscrito de Lisboa (fonte: https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=3909707)

Desenho de Duarte de Armas no “Livro das Fortalezas” do castelo e vila de Monsanto (vista norte) - Manuscrito de Lisboa (fonte: https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=3909707)

Planta do castelo de Monsanto por Duarte de Armas no “Livro das Fortalezas” - Manuscrito de Lisboa (fonte: https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=3909707)

Desenho de Duarte de Armas no "Livro das Fortalezas" do castelo de Monsanto (primeira vista) - Manuscrito de Madrid (fonte: http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000096106&page=1)

Desenho de Duarte de Armas no "Livro das Fortalezas" do castelo de Monsanto (segunda vista) - Manuscrito de Madrid (imagem parcial) (fonte: http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000096106&page=1)

Vista aérea do castelo de Monsanto (fonte: Google Earth)

Desenho de Duarte de Armas no *"Livro das Fortalezas"* do castelo e vila de Castelo Branco (vista sudeste) - Manuscrito de Lisboa (fonte: https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=3909707)

Desenho de Duarte de Armas no *"Livro das Fortalezas"* do castelo e vila de Castelo Branco (vista noroeste) - Manuscrito de Lisboa (fonte: https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=3909707)

Planta do castelo de Castelo Branco por Duarte de Armas no "Livro das Fortalezas" - Manuscrito de

Lisboa (fonte: https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=3909707)

Desenho de Duarte de Armas no "Livro das Fortalezas" do castelo e vila de Castelo Branco (primeira vista) - Manuscrito de Madrid (fonte: http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000096106&page=1)

Desenho de Duarte de Armas no “Livro das Fortalezas” do castelo e vila de Castelo Branco (segunda vista) - Manuscrito de Madrid (fonte: http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000096106&page=1)

Vista aérea do castelo de Castelo Branco (fonte: Google Earth)